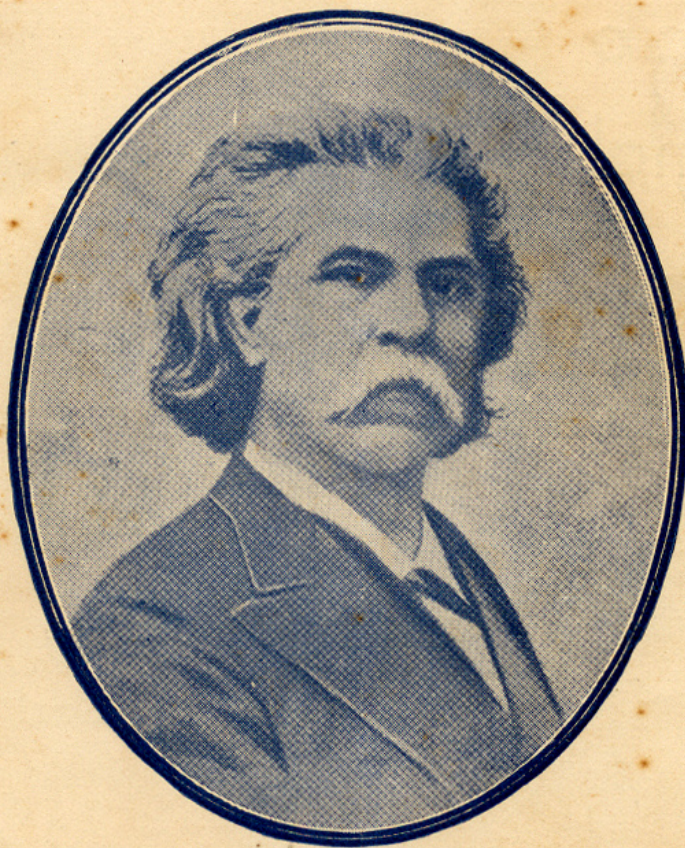
Resenha Musical

Diretor: Prof. CLOVIS DE OLIVEIRA

Ano II • SÃO PAULO, Julho a Setembro de 1940 • Ns. 23 a 25

Antonio Carlos Gomes – (1836 - 1936)

Duas proeminentes figuras do

Teatro Lírico Nacional

Silvio Vieira
baritono

Bidú Sayão
soprano

II Suplemento Musical de

"Resenha Musical"

I ESTUDO BRASILEIRO — ARTUR PEREIRA

Comentario do prof. J. C. CALDEIRA FILHO

A composição repousa toda sobre um fundo harmonico que lembra de longe o preludiar de cordas dedilhadas, no qual se insinúa o baixo cantado dos violões de serenata. Após alguns compassos de introdução, aparece um primeiro motivo, de carater melodico, delicadamente lírico, comentado, a seguir, por pequeno refrão sincopado. Na parte central apresenta-se o segundo motivo, rítmo-melodico, de carater suspensivo sobre a dominante, cadenciando, compassos depois, à tonica, sobre cuja harmonia reaparece o motivo sincopado da primeira parte. O motivo inicial é re-exposto na parte final, seguido de um éco do 2.º motivo sobre pedal de dominante, finalisando o "Estudo" com uma lembrança da introdução, em função de "coda".

O carater brasileiro transparece no rítmo geral do fundo harmonico, na sincope do refrão instrumental aposto ao 1.º motivo e no contra-tempo da parte central. Tais elementos nada representariam se fossem utilisados apenas como formulas. Entretanto, empregados em função expressiva, caracterisam, extendendo-o por toda a peça, este indefinivel sabor de nostalgia, de saudade tão peculiar a bôa parte da nossa música. Aliás, a indicação "Allegro" não contradiz o carater geral da peça, de serena e intima alegria. Na falta de indicação metronomica, o andamento adequado é dado pelo refrão sincopado do compasso 10.

Dada a fluente liberdade das vozes, esta peça, emquanto "estudo", tem como objetivo técnico a independencia, igualdade e cruzamento das mãos, com reais dificuldades confiadas à mão esquerda. Como problema de interpretação, o objetivo é iniciar o executante no carater da música brasileira.

TEMPORADA LÍRICA

Era nossa intenção escrever algo sobre a Temporada Lírica realizada no Teatro Municipal de São Paulo, porém, afim de não nos julgarem demasiadamente exigentes e como nos faltou o espaço necessario para um longo comentario transcrevemos aqui dois pequenos trechos da autoria de dois ilustres críticos paulistas que dizem bem o que foi a malograda Temporada Lírica de 1940:

"Um motivo semelhante ao que movimentou a estréia de Kiepura, também deu em resultado uma sessão esgotada no Cine Municipal... perdão, no Teatro Municipal, onde surgiu, ontem, pela primeira vez em ópera — quem o havia imaginado— Martha Eggert. Malicioso, dizia um festejado artista, "louco por ópera": Para o ano se cogita de mostrar Adolpho Menjou numa récita do "Othelo"!"

(De O. N. de "A GAZETA", sábado, 21 de Setembro de 1940).

"O que se deu foi o seguinte: prometeram nesta temporada, autonomia de elenco para não se dar o que se deu (esperar os artistas do Rio), prometeram algumas novidades, e fizeram uma temporada de comparações vocais levando em prejuizo da mesma, o público a decepcionar-se de tal fórma, que cremos, no próximo ano, não haverá mais interesse, por tais realizações"

(De Arthur de Macedo, do "DIARIO POPULAR" de 27 de Setembro de 1940).

Assim como essas, muitas outras opiniões poderiamos dar a conhecer aos leitores, porém, cremos que estes dois trechos, valem bem pelo nosso silencio e servem perfeitamente para o público aquilatar o que foi em 1940, a Temporada Lírica de São Paulo e, talvez do Rio...

O Diretor de Resenha Musical, prof. Clovis de Oliveira, quando falava ao inaugurar o retrato do sr. Presidente da Republica, Dr. Getulio Vargas.

II Aniversario de

Inauguração de

Constituiu um acontecimento de relevo social e artístico a inauguração da nova Redação de RESENHA MUSICAL, precisamente quando festejava este periódico, o II aniversario de sua fundação.

Realizou-se a solenidade inaugural da nova redação de RESENHA MUSICAL, em 21 de Setembro, às 16,30 horas, à rua Cons. Crispiniano, 79 — 8.º andar, com a presença de inúmeros elementos de destaque no meio artístico paulistano. Presidiu a solenidade, o sr. Moacyr de Barros Mello, representante do dr. José Maria Lisbôa, DD. Presidente da Associação Paulista de Imprensa. Abrindo a sessão, o digno representante da A.P.I., com eloquentes palavras descobriu o retrato do Presidente da República, dr. Getulio Vargas, cuja inauguração foi recebida pelos presentes com uma salva de palmas Após foi dada a palavra ao prof.

Outro aspecto da inauguração.

Resenha Musical

sua nova redação

Clovis de Oliveira, Diretor de RESENHA MUSICAL, que leu a seguinte alocução:

Exmas Senhoras
Meus Senhores:

Que as minhas primeiras palavras sejam em homenagem a Sua Excelência sr. dr. Getulio Vargas, dd. Presidente da Republica, cujo retrato, inauguramos neste momento de alegria para os nossos corações.

RESENHA MUSICAL presta assim, com singeleza, a sua homenagem ao Grande Presidente, cujo amor ao Brasil e ao seu povo, faz a grandeza de nossa Patria!

***

Senhores:

Com a mesma natural simplicidade que caracterisou o seu apareci-

mento na imprensa do paiz, inaugura, hoje, RESENHA MUSICAL, a sua nova Redação ao completar neste lindo despontar de primavéra, o II aniversario de sua fundação.

RESENHA MUSICAL fixa, nesta data, após mais uma etapa abrolhosa, o II marco de sua existência na vida artistica do Brasil.

E hoje, inaugura sua nova Redação e dá proseguimento ao seu progresso! Com vida propria, divulgada por todo o país e exterior, sempre acolhida com simpatía e entusiasmo, ei-la firmando seus passos na jornada da espinhosa da vida jornalistica de sorte a poder realizar o ideal que a fez nascer e que a fará viver, porquanto é nobre e patriótico, sublime e engrandecedor!

O ideal, senhores, é um estimulo na vida e um escudo contra o esmorecimento! É querer, fazer, poder!

É a esperança de dias melhores!

E a vida sem ideal, é céu sem beleza!

Confiamos no futuro de RESENHA MUSICAL, por que temos fé no milagre do ideal.

E RESENHA MUSICAL, pequenina que era, se avoluma, cresce, agiganta-se sob o incremento e influxo de um ideal que não lhe é ficticio, porque originou-se dele, viverá dentro dele e o defenderá sempre, difundindo-o tanto ou quanto possivel: NACIONALIZAR, INSTRUIR E EDUCAR, PELA MÚSICA E PELO IDIOMA DO BRASIL — eis a flâmula que hasteámos como uma bandeira desde o pequeníssimo e despretencioso primeiro número de RESENHA MUSICAL. Flâmula que não é, apenas, palavras, simplesmente palavras. Nos diz algo mais expressivo e importante, um sentimento elevado que nos penetra a alma e o coração; que tóca a brasílica sensibilidade do nosso ser. São palavras que representam uma vontade férrea de vencer na luta pela grandeza de nossa arte. Que representam uma força pujante de agir em pról de nossa Patria!

E, para a execução completa desse alto objectivo, teve RESENHA MUSICAL a felicidade de encontrar-se agora entre vós, bondosos amigos e artistas, para poder proseguir até a vitória.

A vitória é fruto dos bravos. E os bravos só vencem a batalha quando em defeza às causas nobilitantes.

RESENHA MUSICAL enceta com esta inauguração uma fase de contribuição diréta no meio artístico paulistano.

Não pensa em outra cousa senão na união da família artística brasileira para que o futuro de nossa arte represente a comunhão coerente de um mesmo ideal.

Não pensa em outra cousa senão em incentivar os artistas patrícios a proseguirem na criação de suas obras que deverão constituir o alicerce básico da nossa arte, ainda em formação.

A Historia do mundo passa presentemente um período crítico, e, muito grave, tambem, assim a julgamos, a idade transitória pela qual passa a nossa arte. Idade flexivel, amoldavel, que acolhe sem resistência e sofre suas consequencias, todas as influências que dificultam a nossa própria criação.

Todos nós, compositores, professores, críticos, musicólogos, musicistas, virtuoses, literatos e poetas, pintores e escultores, coreografos e cenografos, teatrologos e atores, escolas de arte e alunos, todos, cada um em seu sector, temos uma missão a cumprir: preservar com toda a possivel pureza, a constituição da arte

nacional. Que cada um de nós dentro do Brasil seja vanguardeiro da nossa grandeza artística e fóra dele, honra de nossa Pátria!

Segundo o plano traçado, RESENHA MUSICAL pretende realizar concertos, conferências, etc., a cargo de renomados elementos do mundo das artes e das letras nacionais;

Pretende patrocinar concertos de artistas de reconhecido mérito ou novos, que não possuirem recursos financeiros e que necessitarem de um gesto acolhedor, incentivante e amigo;

RESENHA MUSICAL patrocinará concertos nesta Capital de artistas residentes em outros Estados ou no interior paulista;

RESENHA MUSICAL manterá em sua Redação, para leitura ou consulta, à disposição dos interessados, várias revistas de arte do país e do estrangeiro, assim como, devidamente colecionados, todos os programas de concertos ou festivais de arte, que lhe forem enviados;

RESENHA MUSICAL promoverá semestralmente um concurso musical entre os artistas brasileiros. O 1.° Grande Concurso "RESENHA MUSICAL" PARA OS JOVENS ARTISTAS BRASILEIROS, será realizado brevemente, dedicado aos pianistas de 15 a 25 anos de idade. As inscrições para esse certamen serão abertas brevemente;

RESENHA MUSICAL acaba de editar a primeira Série de retratos dos grandes nomes da arte nacional, com o fim de divulga-los por todo o paiz e exterior;

RESENHA MUSICAL, apliando essas atividades, inaugurará brevemente a primeira mostra de arte, sob seu patrocinio, que constará de obras de eminente artista brasileiro.

Este, um pálido resumo do vasto programa que RESENHA MUSICAL pretende executar religiosamente a bem da Arte Nacional. Para a concretização deste programa que proporcionará beneficios a todos os membros da grande familia artística do Brasil, RESENHA MUSICAL não poupará esforços, nem sacrificios. Saberá ser grata aos que circundarem ou prestigiarem a sua obra de fins puramente patrióticos.

E que este programa encontre éco no seio da numerosa família artística brasileira, dentro da qual não deve haver resentimentos nem orgulhos tôlos, trabalhos dispersos nem inveja, porque tudo isso em tése não prejudica a ação total, mas na realidade construtiva é um mal que arruina a nossa própria existência e nos envereda para um atalho embaraçoso, labiríntico e pedregoso que dificultará em futuro a grandeza e gloria da Arte Nacional e quiçá do Brasil, que amamos!

Eis o nosso desejo!

Ao concluir, o orador foi muitíssimo aplaudido e felicitado.

A seguir foi oferecido um fino "cocktail". Ilustramos estas notas com duas fotografias da inauguração que decorreu com invulgar brilhantismo. Anotamos a presença dos srs.: dr. Alonso Anibal da Fonseca e Sra., prof. Arthur Pereira, dr. Dalmo Belfort de Mattos, dr. Silvio Pais Leme Pinto Nazario, prof. Alvaro Ghiraldini, prof. Norberto de Araujo e Sra., Mme. Ferruccio Scarmagnan, Mme. Coli, sr. Jean Camps e Sra., sr. Acrisio Taques de Araujo, prof. Walfredo Arantes Caldas, sr. João Giannezela, prof. Ivo Machado Medicis, representantes da Casa Ricordi e da So-

ciedade Filarmonica de São Paulo. dr. João de Deus Bueno dos Reis, dr. Carlos da Silveira, Maestro Miguel Arquerons, Ferruccio Bonora e senhora e outros. Dentre os telegramas recebidos destacam-se os seguintes:

"Presente em espírito Abraços Luiz Heitor" —Rio de Janeiro; "Não podendo comparecer inauguração Redação Resenha envio amigo votos prosperidade publicação abraços afetuosos Ulysses Paranhos" — São Paulo; "Muito grato amavel convite associo-me homenagens hoje ao eminente Presidente Getulio Vargas, Luiz Pereira de Campos Vergueiro" — São Paulo; "Associação dos Jornalistas Católicos acompanha com simpatia áto inaugural Redação primorosa revista RESENHA MUSICAL indice expressivo música brasileira formulando votos inteira prosperidade motivo saúde deixo comparecer fazendo-o oportunamente, Castelar Padin, Presidente" — S. Paulo.

O sr. Ferruccio Bonora e Familia enviaram uma fina **corbeille**, com o seguinte cartão: "Com os melhores e mais ardentes votos de felicidades almejam um risonho e próspero futuro e oferecem estas flores pelo grandioso dia em que se inaugura a nova Redação de RESENHA MUSICAL".

Enviaram cumprimentos os srs.: dr. Orlando D. Murgel, Diretor da Estrada de Ferro Sorocabana; dr. Francisco Pati, Diretor do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo; prof. João C. Caldeira Filho; sr. Bento de Abreu Sampaio Vidal; Familia Corona; dr. Camilo Gavião de Souza Neves, Prefeito Municipal de Araraquara; sr. Estevam Mangione. Presidente da Associação Brasileira de Compositores e Autores; dr. Herbert Moses, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa; dr. Romano Barretto, diretor do Departamento de Educação; dr. Lourival Fontes, diretor do D.I.P.; dr. C. A. Gomes Cardim, Secretario e Membro do Conselho de Orientação Artistica do Estado de São Paulo.

MARIO CAMERINI

Acha-se entre nós o aplaudido violoncelista brasileiro Mario Camerini, que apresentar-se-á em 4 de Outubro f. ao publico paulista em um recital promovido pelo Instituto Musical Santa Marcelina.

AOS ASSINANTES

Lembramos aos srs. assinantes cujas assinaturas vencem com o presente numero, o obsequio de enviarem por chéque ou vale postal, a importancia de 20$000, correspondente a uma assinatura anual, evitando, assim a interrupção da remêssa desta Revista.

A Redação

A Música e a Patria

Prof. Luiz Heitor Corrêa de Azevedo

Da Escola Nacional de Música da
—— Universidade do Brasil ——

O Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil associou essa Casa às comemorações da Semana da Pátria, promovendo, a 6 de Setembro, importante sessão cívica, presidida pelo sr. Ministro da Educação e Saúde e com o comparecimento dos srs. Reitor da Universidade, Diretor da Escola, muitos professores, alunos, etc. Para saudar as autoridades e para expor o significado dessa festa, bem como a intenção que a motivou, foi designado um professor que, além da sua dignidade profissional, não tem nem pleiteia outros méritos, a não ser os de um grande amigo da mocidade. São de sua oração as passagens que ides ler, alusivas à posição da música em face da moderna organização do Estado.

Participaram os músicos brasileiros, por intermédio da Escola Nacional de Música, que é a casa de sua formação, e da Orquestra Sinfônica Brasileira, novel instituição que emprestou seu valioso concurso à solenidade e é uma realização grandiosa da energia e da capacidade construtiva de muitos deles, participaram os músicos brasileiros, dizia, das galas da Pátria, nesses dias em que são evocadas suas glórias e em que nos preparamos para o seu radioso porvir. Mas, acaso, estiveram eles ausentes, ou esteve a Música ausente, um instante, sequer, nas horas solenes da vida nacional? Não nos esqueçamos de que aquele que nos deu a Independencia deu-nos, tambem, o Hino desse ato histórico, entoado, no próprio dia 7 de Setembro, por um grupo de senhoras paulistas, no espetáculo teatral noturno a que assistiu o Príncipe Regente, então aclamado Imperador. Sob o monumento a D. Pedro I, que se ergue na Praça Tiradentes, acha-se encerrado numa caixa de cedro, juntamente com moedas e jornais do dia, um exemplar desse Hino da Independência, que até hoje canta a juventude do Brasil e que ao despontar de nossa Pátria, já unia tão simbolicamente, aos destinos políticos da nacionalidade, a manifestação musical, tão necessária, socialmente, e particularmente tão viva nesta terra. Confundida, pois, com o próprio fato histórico que a Semana da Pátria comemora, não podia a nossa arte deixar de exclamar — Presente! — ao apelo da terra Natal, nesses dias de júbilo cívico.

Incumbido de exprimir os sentimentos da mocidade escolar, promotora dessa Festa, eu, que físicamente já me vou afastando dela, mas que espiritualmente cada vez mais me sinto unido a ela, falei confortado pela confiança que me inspiram os moços do Brasil de hoje, cujo convívio diário e os trabalhos em comum vêm sendo, para mim, a suprema recompensa dos modestos esforços a que dediquei a existência. É possivel que eu tenha nascido com a mentalidade de uma geração adiante da minha, ou então que todos nós — eu e os moços de hoje — sejamos verdadeiros retardatários e reacionários; mas o fato é que, em meu tempo, isolado de um meio estudantil que cultivava o cepticismo e o negativismo como a suprema virtude, a indiferença e o individualismo mais revoltante como a única atitude social compativel com a dignidade do **homo sapiens**, vejo, agora, realizado pela juventude que nos cerca, aquele supremo equilíbrio a que sempre aspirei e que, podemos constatar, não era um ideal inhumano e inatingivel. Em todo caso, vanguardeiros ou retardatários, de uma coisa podemos estar certos: é de que só com essa disciplina voluntária, com esse entusiasmo que pode ser ingênuo, mas que é tão saudavel e tão verdadadeiramente viril (no sentido em que pode ser viril uma nação em marcha, representada por todos os seus elementos, sem distinção de sexos), só com essa confiança no valor da intervenção de cada um na vida coletiva, afim de modificá-la e aprimorá-la, só com a força elementar e irresistivel dessas virtudes essenciais da mocidade, é possivel construir um grande país e dar alicerces a um Estado, forte pela comunidade de ideais com o povo. Posso reeditar, aquí, a afirmação de Carleton Sprague Smith, no discurso pronunciado por ocasião da homenagem que lhe prestou o Itamaratí: que ainda não está derrogado o regimen de vida comum cujo sentido se encontra nos próprios fundamentos do Cristianismo: Fé, Esperança e Caridade, ou no corolário a que atingiu a civilização cristã: Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Fortes pela confiança nessa grande Pátria cujas pequeninas imperfeições, todas de ordem funcional, são de muito superadas pela integridade moral que a fidelidade constante àqueles princípios tem feito irradiar de toda a sua História — Pátria que nunca oprimiu ninguem, que nunca reconheceu, entre os que nela nasceram ou os que a ela vieram ter, distinções baseadas em crenças, raças ou nivel social, que tem sabido tratar benignamente os vencidos, dentro ou fora de suas fronteiras, que cultiva a tolerância como um índice magnífico de sua força e de sua vitalidade — fortes pela confiança no Brasil de hontem, que em nossa Arte é José Maurício, é Francisco Manoel, é Carlos Gomes, é Leopoldo Miguéz, é Henrique Oswald, é Alberto Nepomuceno, e no Brasil de amanhã, que é dos jovens, que têm por missão elevar e intensificar ainda mais o culto aos ideais de seus antepassados, fortes pela Fé, fortes pela Esperança e fortes por essa irresistivel solidariedade humana que produz todos os milagres da terra, podemos, em nossas horas de júbilo, contemplar a grandeza da terra em que nascemos.

Vede o que é a sua música: num Continente inteiro que ainda não conseguiu libertar-se da formidavel tutela européia, na tarefa de criar novas formas de expressão sonora, um país realizou integralmente a sua independência artística: o Brasil. Um pouco selvagemente, um pouco des-

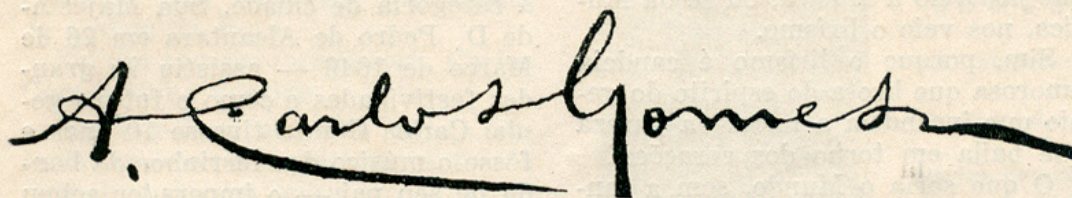
abusadamente, mas com ímpeto jovem e generoso, de ha muito que nos bastamos, e que podemos sorrir indulgentemente aos conselhos prudentes e incompreensivos de alem-mar. Fizemos alguma coisa; e hoje a música brasileira é olhada com respeito e interesse porque nossos Mestres a tornaram diferente, rica em elementos próprios e sugestões originais. Na verdade a situação privilegiada que conquistamos, no que diz respeito à criação musical, vai muito além da média de outras atividades artísticas, intelectuais ou materiais, em nosso país. Mas isso mesmo é que quero por em relevo, afim de provar a importância excepcional dessa Arte, no processo de engrandecimento e nacionalização do Brasil.

Ninguem discute, hoje em dia, o valor da contribuição trazida pela nossa Arte à vida das sociedades. Ha perto de cincoenta anos atrás, Camille Bellaigue, num ensaio sobre o assunto, observava que a natureza sociológica da música se manifesta no fato incontestavel de que ela é a arte popular por excelência. "Existe — diz ele — uma música popular, ao passo que uma pintura, uma escultura, uma arquitetura popular não existem. A música é a única arte da qual participa, de algum modo, o gênio impessoal e a alma anônima da multidão." Diariamente, no curso por mim professado na Escola Nacional de Música, revolvendo os arcanos da alma popular brasileira, através de seus cantos, posso constatar a surpreza que se estampa na fisionomia e que traduzem as observações de muitos — mesmo dos que estão mais afeitos às manifestações da alma popular — vendo surgir, à luz de uma análise metódica, revelações inesperadas de uma sensibilidade e de uma continuidade de tradições realmente maravilhosa. É a fisionomia de um povo que se espelha fielmente na prática de uma arte que lhe é quasi tão necessária como a linguagem. E porque essa arte é frondosa e suas raizes penetram profundamente no solo pátrio, puderam os músicos brasileiros, muito antes dos seus irmãos americanos, mesmo dos que construiram uma civilização original e poderosa, no hemisfério Norte, conquistar, a par da independência política, e menos de cem anos depois dela, a independência artística a que já aludí.

O Estado moderno se encontrou no doloroso dever de restringir o conceito de liberdade, sempre que a prática abusiva da mesma, desacompanhada dos muitos deveres que impõe, chegou a ameaçar a sua própria estrutura. Nunca, entretanto, em nosso país, graças a Deus, foi levantado o mais leve obstáculo à livre criação artística, tão essencial ao perfeito funcionamento da sociedade como a livre manifestação das crenças religiosas. Façamos votos para que não se modifique essa orientação tão sábia do Estado, afim de não chegarmos ao ponto daquele comunista que declarou a André Gide ser impossivel, na Rússia Soviética, o desenvolvimento do gênio de Beethoven, porque superior e contrário ao nivel médio da compreensão popular de seu tempo.

Ao novo regimen político instaurado no Brasil com o movimento revolucionário de 1930 devem os nossos músicos, e a Música em geral, algumas das medidas mais eficientes e mais radicais tomadas pelo Estado a seu favor. É suficiente lembrar a formidavel obra de educação musical empreendida por Villa Lobos, no Distrito Federal; a criação da Orquestra e demais corpos estáveis do nosso Teatro Municipal; a insta-

lação de radiofifusoras oficiais, com ótimos serviços auxiliares; etc.. Mas a todos esses benefícios supera a reforma do Instituto Nacional de Música, em 1931, e sua inclusão na Universidade do Rio de Janeiro, hoje Universidade do Brasil. De um estabelecimento incapaz de fomentar o progresso da Música como Cultura, dentro dos quadros da Cultura Universal e Nacional, mas apenas votado à solução de questiúnculas técnicas do ofício de músico, estabelecimento onde se cultivava, apenas, a agilidade manual ou vocal dos executantes, e cujos cursos teóricos superiores eram escassamente frequentados, onde não se ministrava o ensino da História, da Pedagogia, do Folclore, sem falar nos cursos teóricos básicos, Análise e Harmonia, que eram incompreensivelmente dispensados, desse estabelecimento fragmentário e insuficiente vimos surgir a atual Escola Nacional de Música, tão integrada ao espírito universitário que os seus alunos têm sido pioneiros de vários movimentos estudantís e os dados estatísticos sobre a fraquência, em 1939, acusando 116 alunos nos cursos teóricos superiores, contra 244 nos de instrumentos e canto bem demonstram como ela se aproximou do padrão de institutos universitários congêneres, na América do Norte, cujos objetivos são a formação de uma "cultura geral da música", e cujos cursos de composição e ilustração musical são os que têm mais numerosa frequência.

Desse regimen político, pois, que dignificou a nossa profissão, elevando o seu ensino à Universidade, de criação recente, no Brasil, mas onde a Música sempre foi professada, em todo o mundo civilizado, desde o século XIII, quando a "Escola de París", irradiando-se do estabelecimento fundado por Robert de Sorbon, ditava as leis musicais que possibilitaram o avanço e a transformação da nossa arte, desse regimen político só podemos esperar messe crescente de benefícios para a nossa arte, e para arte, em geral, inclusive a continuação dessa conduta de respeito pelo livre arbítrio artístico, que tem ilustrado, em todos os tempos, os governos de todos os povos livres.

Conservatorio Musical Carlos Gomes

Em homenagem ao seu patrono, o Conservatorio Musical "Carlos Gomes", de Campinas, fez realizar em seu salão de festas, no dia 16 de Setembro, um grandioso festival de arte.

O programa foi iniciado com uma palestra a cargo do sr. Cataldo Bove, intitulada "Episódios da vida de Carlos Gomes". Seguiram-se finos numeros musicais a cargo de alunas e professores daquele renomado estabelecimento de ensino artistico do interior do Estado. Destacamos: Carlos Gomes, Quem sabe?, canto pela menina Maria Vancelota; Carlos Gomes, Mamma dice, canto pela professora Josefina Silva; Frutuoso Viana, Dansa dos negros, srta. Nina Asbahr; Carlos Gomes, Il Guarany, piano 4 mãos, professoras Dircéa Ricci e Pierina Oliveira Prata.

Agradecemos a gentileza do convite.

A Estrela Musical do Cruzeiro do Sul

Prof. Dr. Artur de Macedo,
Ilustre Critico Musical do
"Diario Popular, de S. Paulo"

Especial para RESENHA MUSICAL

Carlos Gomes é a Estrela musical dominante do Cruzeiro do Sul! Ha mais de cem anos atrás, veio, à face da terra, tamanho coração e tamanho artista! Apostolo do Ideal artistico, em pleno romantismo, soube viver para a Música a mais sublime das Artes e a soube auscultar, compreender, sentir e imortalizar.

Carlos Gomes — o genial cantor das selvas brasileiras, o homem divinisado pela propria natureza em que nasceu, e que ele tanto amou e honrou!

Carlos Gomes — esta voz que sôa em nossos corações, musicalizada pela sua propria voz — as suas obras que se tornaram as representantes lídimas do valôr artistico da raça brasileira, desta raça bôa e forte que tem força de gigante e coração de criança candida, que sabe sorrir e querer bem.

O Brasil inteiro sempre vibrará de orgulho justo e palpitante.

E vibrará através a Música, a Música que superiorisa o homem, e tão preciosa, que só do seu idealismo, os corações tremem e as almas suspiram e anseiam coisas que não se definem.

E as vozes humanas, quando traduzem os sentimentos das paixões, se modificam e tornam-se celestiais.

Transformam-se em vozes extra-humanas, sintese da harmonia do universo, com significado poetico da verdadeira sinfonia da natureza, que é, porque não dizê-lo, a autêntica sinfonia da propria existência, da agitação, do dinamismo, da vida!

É que a Música quando bróta do cerebro e coração, tem segredos que ninguem pode saber, mas que todos sentem, todos vibram e todos compreendem.

É que é pela Música, pelas ondas sonoras que vão por o espaço em fóra, que as almas constroem os seus melhores sons e as realidades dos seus melhores momentos. E constroem tambem os seus ninhos doirados de amor e de esperança. E essas ondas maviosas são a beleza e o

---

Titulo: assinatura do maestro.

lenitivo para o mar revoltado da nossa vida.

E não se sabe, se foi do lirísmo, que nos veio a Música, ou se da Música, nos veio o lirísmo.

Sim, porque o lirísmo é candeia amorosa que brota do espirito do genio que incendeia a terra, da pureza que baila em torno dos corações!

O que seria o Mundo, sem a lanterna dos genios?

O que seria a vida, sem a alma dos predestinados da propria natureza?

O que seria o amor sem a poesia do lirísmo musical?

O que seria a historia artistica da Música Brasileira, sem Carlos Gomes?

É o complemento da Arte brasileira, a sua gloria e a sua obra.

Carlos Gomes nasceu em Campinas em 11 de Julho de 1836. E este foi o dia maior da Arte Musical do Brasil.

Carlos Gomes continuará sendo glorificado. O seu passado, a sua vida, não é para nós, que o admiramos, um mistério, tambem, não é um livro aberto. Livro aberto, é a sua obra, a sua música e a sua gloria!

A sua vida, desde a infancia, quando brincava com papagaios de papel, tocava na banda de música de seu pai, o Manoel José Gomes, conhecido músico, e quando lhe chamavam nhô Tonico, não se sabe, quanto se desejaria saber.

Sabe-se que desde muito jovem, e isto com rigorosa precisão, era "muito vivo e inteligente, de temperamento altivo e independente: bem como, refratario ao convivio mundano, não tinha namoradas e muito menos frequentava reuniões noturnas." Carlos Gomes nasceu a 11 de Julho de 1836, numa casa humilde, terrea, da rua das Flores, e foi batisado no dia 19 pelo padre Joaquim Anselmo de Oliveira.

Em 1844 — Campinas era elevada à categoria de cidade. Sua Majestade D. Pedro de Alcantara em 26 de Março de 1846 — assistiu às grandes festividades e como o futuro genial Carlos Gomes tivesse 10 anos e fôsse o músico dos ferrinhos da banda de seu pai — o imperador achou graça do seu interesse musical e simpatisou com a criança, tendo prometido auxilia-lo e protege-lo!

Com 11 anos Tonico brincava, estudava letras e música. Em 1847 completou o curso das primeiras letras, e começaram os amigos de seu pai, a dizer-lhe que êle seria um grande homem se fôsse para São Paulo estudar; e o que é o caso, é que êle começa a interessar-se a sério, cantarolando as Arias da Norma e da Lucia de Lamermmoor. Deixando os ferrinhos, aprendeu a tocar rabéca, depois clarinetas e mais tarde, aperfeiçoando-se no violino chegou a executar brilhantemente piano.

Aos 15 anos, já compunha melodias, que os que o ouviam ficavam extasiados, e nas funções da Banda Campineira, tornou a ter lugar de destaque, pelo entusiasmo que tinha na interpretação dos trechos musicais e na escolha dos programas da mesma Banda.

E já aos 17 anos, em São Paulo, pelas noitadas poeticas e luarentas, o futuro genio, transportava ao extase a sua vibração, tendo tido grande sucesso, então a sua exibição entre os estudantes na noite de 17 de Abril de 1859.

Os seus amigos, tanto o influenciaram que devia ir para o Rio, que lá o meio é que lhe servia, porque na côrte triunfaria, que êle lá foi e lá triunfou.

Na noite de 4 de Setembro de 1861,

no Teatro da Opera Nacional, na presença do Imperador e da Côrte, levou a primeira obra de valôr "Noite do Castelo", que lhe valeu a Comenda da Ordem da Rosa.

Foi um sucesso formidavel. Carlos Gomes tinha vencido.

Bastava-lhe ir ao velho mundo, aureolar-se e seria o primeiro entre os primeiros da sua terra.

E foi para a Italia.

E de lá trouxe em seu espirito a pujante e fulgurante bagagem que o imortalizou.

Mas o que devemos não esquecer, é que o germem dessa bagagem, o tinha levado do Brasil.

Ha tempos, traçando eu a sua personalidade, sobre os caracteristicos indianistas do grande mestre, afirmei:

"Quando o homem vive para a Natureza e a compreende, quando a contempla numa auscultação exaltada e sincera, a lei da necessidade cria, em torno dessa criatura, um verdadeiro manancial de Arte Suprema.

É o momento solene. É o momento de transporte. E assim como os poetas sentem que precisam de imortalizar o que sonham, o que vivem e sofrem, assim tambem os músicos seus irmãos gemeos, os seguem, com sensibilidade, ouvidos, olhos, um organismo inteiro vibrando. Pois que como disse Wagner: "A Música e a palavra crearam-se para entender-se e unir-se entre si." Equilibrio, sobriedade, rigidez de carater, enfim, idealismo puro — foram as suas principais qualidades. Por elas lutou e sofreu, por elas sonhou e viveu, por elas aguardou e as viu chegar ao auge, vencendo-as como um lutador heroico e feliz. Mas onde a sua obra deve ser exaltada, conhecida, estudada, é positivamente nos traços caracteristicos indianistas. O mestre quiz e

JOAQUINA GOMES já falecida, irmã de Carlos Gomes

poude imortalizar esse simbolismo na sua obra mais conhecida: "Guarany". Não quero falar nos temas, desde a magistral sinfonia de abertura, que é uma joia de valôr inestimavel, polifonica, com riqueza de imagens e têmas, movimento rítmico, assegurada por centenas de críticos e entendidos, o "Guarany" sobrepujou tudo e todos. Ele mesmo, se retrata altivo e sereno, com a sua tez bem morena, cabeleira larga ao vento, narinas dilatadas, movimentos por vezes, agitados, outras duma maneira infantil. É que os genios são paradoxais. A opera "Guarany", tem poesia, música, ideal e coração.

O "Guarany" tem momentos de ternura e laivos de tragedia; empolga pelo seu humanismo, descrevendo e simbolisando paixões, dôres, alegrias, tédios, que obrigam a alma do assistente a sofrer e a viver, em comum, o objeto de finalidade, que perpassa na obra, entre as dansas espiritas e os "duos" de encantamento e amor.

Mas, que interessará ao critico psicologico, se Carlos Gomes nasceu em Campinas, se depois foi estudar em Milão e lá recebeu a sua consagração?

Que relação fará o critico com a sua vida agitada, de lutas economicas ou sentimentais?

Que preponderancia sentirá na sua ida para o Pará, onde viveu os ultimos anos de sua vida, a doença que quasi o impossibilitou de falar?

Quais os seus amores, as duas tendencias, se êle não fôsse um predestinado?

Uns responderão — Nenhumas. Outros, afirmarão — muitas razões servem para compreensão exata do valor de sua obra.

Porque por mais que existam espiritos independentes autonomos e sem tendencia, de relação, para com outrem, todos, entretanto, sofrem as influencias do meio, do tempo, do lugar e da vida.

Poucos anos de vida propria, tinha ainda o Brasil. (Sim, porque não era independente). Portanto o seu sonho era criar um teatro e música proprios, bem nacionalistas. E conseguiu cria-lo com meia duzia de obras, bastando só o "Guarany" para definir uma época exaltada, exuberante e que se tornaria imortalizada.

A sua obra como colaboração artistica, na expansão da brasilidade, no conceito universal, cresce em valor e finalidade. Quantas vezes se terá lembrado o nome do Brasil, com essa opera?

Eu mesmo — tinha na Europa, uma predileção por ouvir a Protofonia executada por bandas militares em jardins publicos.

Depois que poderia escrever sobre a sua Arte, os seus sonhos e a sua gloria, se não me tivesse de reportar à sua propria obra, espelho fiel dos seus ideais e mais intimos e reconditos sentimentos?!

As suas obras todas esse segredo duma vida propria com corpo e alma; famosa sintese do romantismo que criou os valores mais fecundos do seculo passado. Sinto nelas a fantasmagoria aliada à realidade; a visão do impossivel ligada ao fáto passado, vivido, tido e havido; às ações posteriores e as impressões mais especuladas, mais determinadas.

Assim, a vida inteira de Carlos Gomes perpassa por toda a sua obra, num desdobramento incansavel de verticalidade intangivel, afetiva e moral; doutrinaria, religiosa e esteticamente construida para a confissão admiravel do perfeito genio que o guiava.

A sua obra é uma flâmula, um estandarte riquissimo e preponderante revelador do tempo em que êle viveu, sentiu e imortalisou.

Escalpelisado pela vida, em lutas tremendas, êle tambem sonhou momentos de perfeição e beleza; tambem concretisou o seu amor à sua terra que como um sol novo despontava no horizonte sul americano, em plena liberdade, nas suas canções nacionais."

Carlos Gomes teve na noite de 19 de Março de 1870, no Scala de Milão a maior gloria, talvez, da sua vida, quando da elevação à cena do "Guarany".

Auxiliado material e espiritualmente pelo Imperador D. Pedro II, a quem venerou a memoria até aos seus ultimos momentos, pode-se dizer que Carlos Gomes é a baliza gloriosa da Catedral Artistica do Brasil!

●

FRUTUOSO VIANA EM CAMPINAS

Frutuoso Viana o conhecido artista patricio dará um concerto nos primeiros dias de Outubro, em Campinas, sob o patrocinio da Instrução Artistica do Brasil, secção de Campinas.

Romantismo e romanticos. Ideias gerais

Dr. ULYSSES PARANHOS
Da Academia Paulista de Letras e da Escola de Belas Artes de São Paulo

Eu sofro ao teu influxo uma imensa [tortura
Sem causa e sem razão... Um ignorado [anceio.
Uma infinita tristura,
Um grande receio.

Goulart de Andrade -- "Lunar"

Enquanto o movimento intelectual determinado em França pela grande Revolução produzia, naquele país, profundas modificações politicas e sociais, o alemão permanecia indiferente diante dos memoraveis acontecimentos que se desenrolavam fóra de suas fronteiras, continuando a adotar a concepção frediriciana do Estado.

Mas, se o organismo politico alemão ficara imutavel, durante a Revolução Franceza, principalmente devido ao quietismo e à burocracia, muitas cousas, no entanto, se transformaram, nos países de raça germanica, permitindo que novas doutrinas surgissem modificando o aspecto da intelectualidade tradicional alemã.

O apelo à consciencia individualista feita por Humboldt e Fichte achou acolhida na genialidade, um tanto desequilibrada, do grupo **"Sturn und Drang"**; as ideias francesas, conhecidas em livros clandestinos, foram bem recebidas na republica poetica, de Klopstock, que, de Weimar, espalhava as suas concepções extravagantes por toda a Europa. E Goethe, idolatra do paganismo, cantava, com o seu incomparavel vigor lírico, as vicissitudes do coração, nas **Elegias** do Amor; a grandeza do povo alemão em **"Arminio e Dorotéa"**; a vida instavel do bohemio em **"Guilherme Meister"**, e as teorias antiteticas do mundo nas estrofes magnificas do seu "Fausto".

Schiller, que se tinha iniciado na literatura com um drama capitulado de revolucionario, **"Os salteadores"**, criava audaciosamente o teatro nacional com **"Wallenstein"**.

Os moldes classicos já não bastavam à fantasia desta geração de moços ardentes e transbordantes de pensamentos novos.

Schiller, com a **"Virgem"** e Wieland com o **"Oberon"**, deram a clarinada de que se precisava de **"algo novo"**, e rapidamente, o sinal de chamada ecoou em todos os rincões como as notas vibrantes de um canto marcial numa manhã serena de combate.

Esse **algo novo** encontrou-se. Chamou-se **Romantismo.** E, durante um

seculo, opoz-se ao antigo classicismo, emoldurando o mundo de aspirações luminosas e fortes.

O romantismo literario tem grandes merecimentos. Fez resurgir os tesouros sepultados pela indiferença dos seculos; rejuvenesceu uma grande parte do espirito medieval, e, tornando conhecida a obra de literatos extranhos de um país para outro, divulgou novelas desconhecidas, poemas ignorados, lindas lendas, fátos historicos heroicos, que serviram para belas inspirações poeticas e para que houvesse uma confraternização intelectual entre os diferentes povos europeus até então ligados por interesses dinasticos e sociais.

No entanto, o que caracterisa o movimento romantico não é nada disso; é um fáto mais importante, que repercutiu fortemente sobre a mentalidade do século passado, — o individualismo. Criou-o Jean Jacques Rousseau.

Nisso é que ele se separa nitidamente do classicismo. O classico apresentava a sua obra e escondia-se na sombra; o romantico, não. Escrevia a sua obra mas devia pairar, sempre sobre ela como um anjo tutelar, sua pessôa e os seus atos precisavam sempre ocupar o primeiro plano no arcabouço da obra.

Nestas condições, usando outros termos, pode-se caracterisar o romantismo literario como o predominio do elemento subjectivo sobre o formal. Se o classicismo resultou do estudo das grandes obras heleno-latinas, o romantismo teve, como ponto de partida, a difusão de tudo que, na historia e na legenda, se depara de heroico e aventuroso, fantasista e sobrenatural e possa ser aplicado na descrição de estados d'alma pessoais, individualisados.

O misticismo religioso do Graal, os torneios de amor e de armas; a luta entre mouros e cristãos, são os temas inspiradores de numerosas joias literarias que nos legou o romantismo e em cujas malhas se divisa sempre a personalidade do novelista e do poeta.

Pode-se acusar os romanticos de abuso da fantasia, de certa desordem na organização de suas obras, de certa préssa em apresentar suas produções, mas, algumas cousas não se pode deixar de reconhecer em seu favor: a sinceridade de suas inspirações, o sopro vivificante de humanidade, dado a todas as artes, e a projeção do artista, no seu trabalho, o que, entre os classicos não existia, na preocupação constante de imitar os antigos e de ficar, o mais possivel, adistrito aos modelos grego-romanos.

Estabelecer o que foi o romantismo da música, como e quando nela se infiltrou e se tornou reconhecivel, são problemas dos mais dificeis de resolver com criterio e bom senso na historia das artes.

O que seja o romantismo musical, precisa e cientificamente, não se póde definir, sem o risco perigoso de cair no dominio da ficção.

Mesmo em literatura não se chegou nunca a um acôrdo definitivo sobre esse ponto, concordando-se apenas sobre a etimologia e a historia da palavra romantismo, inventada por Madame Stael, e que recorda as linguas e literaturas romanticas da Idade Média, sendo criada com o fim de opôr-se à literatura classica fundamentada no humanismo de Erasmo e seus adeptos.

O romantismo é mais um agrupamento de fátos do que um principio; uma cadeia de efeitos do que um fator determinante, imperativo, isolado. Assim compreendido, encarado

sob este prisma, sim, pode-se elucidar um pouco o debatido problema romantico.

Considerando-o como uma reação ao classicismo, torna-se muito mais facil individualisar-lhe os efeitos, porque assim mirado, cada manifestação artistica livre e de expressão pessoal, que se sobreponha aos velhos canones, pode-se classificar como o produto de um temperamento romantico.

Nessa orientação é possivel mesmo admitir-se como precursores do periodo romantico musical o madrigalismo, o cromatismo do seculo XV e o pensamento dramatico das sonatas de 700.

Ha, no entanto, na música alguma cousa que parece ter tido grande importancia na eclosão romantica, — a transplantação do **liede,** sobretudo alemão, da música popular para a música erudita. Se, como dissémos acima, se de entender como romantismo, em música, **os gestos de liberdade** e expressão pessoal que se **sobrepõem aos antigos preceitos,** isso começa a se manifestar exatamente no periodo em que se admite a afirmação de que o liede alemão constitue um verdadeiro genero de arte.

O liede transforma-se em obra de valor artistico, com Schubert e, com ele, inicia-se, no dominio musical, aquela necessidade de sonhar, de fugir à realidade e nos refugiarmos em um estado de alma subjectivo, que nos console e ampare das contrariedades brutais da vida. E a realisação dessas visões psicologicas foi o programa dos grandes romanticos de todas as raças.

Se o liede representou um papel tão saliente e rápido no triunfo do romantismo musical era porque o caminho já estava preparo ou, pelo menos, já estava reservado um lugar para o receber. E isso foi obra, em grande parte, dos poetas romanticos que, com seus versos, fizeram reviver a alma dos povos e, principalmente, a do povo alemão.

O **Volkslieder** de Herder, datado de 1778, e o **des Knaber Wunderhorn** de Arnum e Bretano publicado em 1805 (mas, composto muito antes), foram as primeiras antologias de liede. Logo depois, pulula sobre a terra alemã uma multidão de canções que surgiram com Uhland, Hoffmann e Lilienkron. E se, como vimos, o liede pode ser considerado uma das consequencias do romantismo literario, merece ser tambem tido como a fonte principal da inspiração de Schubert, e seu modelo preferido. Donde uma ligação estreita entre a obra dos literatos romanticos e a de um dos primeiros grandes musicos romanticos, — essa figura adoravel de Franz Schubert.

O romantismo entra na música com Schubert e levado pelos cantos populares alemães.

Na Italia e na França existia, como na Alemanha, o liede, ou canção monodica acompanhada, mas nesses países tinha outra feição, era obra dos musicistas e não projeção da alma popular.

Existia nos países latinos, não se póde negar, uma série abundante de belas melodias, mas quasi todas eram obras de seus grandes musicos, — Monteverde, Scarlatti, Lully e Rameau. Não circulava, nas suas veias, o sangue puro do povo; sua difusão dava-se do centro para a periferia e não, como na Alemanha, da periferia para o centro.

O italiano canta Scarlatti, como, mais tarde, cantaria Verdi; o francês solfejava Lully, como anos depois, Bizet e Gounod. Davam-se ao luxo de assimilar os mestres, não se

inspiravam nas melodias anonimas do burgo em que nasceram, o que não acontecia na gente tedesca.

Diante do que viemos sumariamente expondo, encarados, nas suas origens, pode-se reduzir o classicismo e o romantismo a termos bastante simples; o classicismo é a expressão da inteligencia especialisada e o romantismo a **projeção d'alma coletiva.** E assim considerando, o movimento romantico operou, sem querer, a eclosão do nacionalismo, da música racial, expressão concreta do sentimento patrio.

O liede popular representa, no movimento do romantismo musical, um papel saliente. Foi por seu intermédio que se deu uma das maiores revoluções musicais. Foi a centelha provocadora do incendio que se alastrou pelo mundo em fóra, e mostra exuberantemente as relações estreitas que sempre existiram entre a poesia e a música.

Por isso Edward Damreuther define o romantismo musical **um reflexo poetico expresso em termos musicais,** — especie de impressionismo que tende a combater o formalismo.

Embora aceitavel, esta definição é unilateral, porque o romantismo, na música, não se limita por um circulo estreito

Muito mais sedutora é a definição de Walter Pater: **"O romantismo ajunta o extranho ao belo".** E, Spolding comenta este postulado, dizendo que, como o extranho em arte não pode ser senão o fruto da imaginação, é como se disséssemos que **a arte romantica é essencialmente pessoal.**

Nos confrontos entre as obras classicas e as romanticas encontra-se, no entanto, melhor a explicação desses dois vocabulos do que nas mais brilhantes definições formuladas e nas calorosas discussões havidas sobre esse palpitante problema.

Na obra dos classicos encontra-se sempre calma, medida, música pura, música que não tem outra finalidade do que ser **a música para se ouvir,** para dar prazer.

Nos romanticos, ao contrario, existe a intensidade de expressão, desejo de conquistar quem escuta, atuando por todos os meios sobre os sentidos e, mais do que tudo isso, uma liberdade de concepção que descamba, muitas vezes, para as malsificações estéticas da música, o que torna os compositores menores do romantismo ou intoleraveis ou indiferentes.

As obras classicas, ensina Spolding, são dotadas de uma beleza objetiva, como os espetaculos naturais, os desenhos de linhas purissímas. As obras romanticas, em campo estético oposto, são eminentemente subjectivas, cheias de individualismo e precisam ser escutadas com pouco pensamento, muita simpatia, e ainda maior sensibilidade.

Não falam ao cerebro: dirigem-se ao coração.

O público deve cooperar junto do compositor e sentir as emoções que lhe tumultuam n'alma e lhe angustiam o espirito.

O romantismo musical é uma expressão sincera daquilo que os franceses, do fim do seculo passado, chamavam "arte emotiva". Com rítmo, a melodia e a harmonia busca estabelecer um parentesco espiritual entre o artista e o que o escuta. Especie de carta sonora, cheia de queixumes e confidencias de desesperos e revoltas. Cada qual interprete como quizer.

(Do livro, no prélo, "Historia da Música", do Dr. Ulysses Paranhos).

O Crucificado da Música

"Beethoven!" exclamamos, e diante dos nossos olhos surgem como que fórmas fantasticas; e, sobre o fundo imprecioso da nossa imaginação, esboça-se uma figura sublime, destas figuras que a natureza raramente plasma e que a dôr e a paixão acabam de esculpir. Quando moços, possuimos, apenas, **traços.**

Com o andar dos anos, adquirimos uma **figúra**, e temos, então, o semblante da nossa alma. Ora, a alma de Beethoven era, ao mesmo tempo, genial e santa, torturada, portanto; pois para tais almas a vida é sempre inexoravel...

E eis a fronte potente e carregada, os olhos envoltos em sombra, a parte inferior do rosto, energica e bondosa, a cabeça grande e severa...

Que outras expressões, emprestamos, geralmente a esta fisionomia?

Imaginamo-la, frequentemente, pensativa; às vezes lugubre, até; outras, contemplativas ou meditativas; raramente alegre.

A alegria de Beethoven!... Devia ser uma especie de loucura; um sentimento contraditório, que, por momentos modificava seu verdadeiro caracter como uma côr modifica sua tonalidade complementar.

Beethoven — diz-se — não sabia rir. Seu riso, como sucede ao daqueles a quem a ventura raramente visita, tinha alguma coisa de doloroso, e soava falso. Este simples detalhe vale mais que muitas biografias...

Que de perspectivas não nos abre ele, sobre a vida intima do grande músico e sobre sua obra que a reflete como um lago sombrio!...

Quando a Dôr possuia tal homem que de abísmos se não abriam nele?

E, quando o júbilo o exaltava, não explodia ele, como um raio, libertando, finalmente, essas forças tão longamente encarceradas, e que dilaceravam sua alma tempestuosa?

Então, talvez se entreabrissem seus labios... Talvez se descerrasse daquela boca de solitario, fechada de silencio...

E, solitario, ele sofria. Sua maior tortura era sonhar constantemente o amor sem jamais vive-lo. Mas, possuido do absoluto, como ele o era, podia acaso, o infeliz encontrar um ente que o compreendesse?

E todavia, conservou ele sempre sua grande fé na Beleza, e tornou-se, apezar da sua miséria o consolador dos homens, o Proféta inspirado de não sei que redenção.

E dizer que já o começamos a diminuir!

"Não, Beethoven acabou!... já o não posso ouvir", diz um, franzindo a testa.

"O velho surdo!", murmurava outro, tomando um ar superior.

Admirais, a Nona? — pergunta outro com ironia. "E' que... é que sois ainda muito moço!..."

Durante um concerto, quantas são as pessôas que ouvem com **atenção?**

Quantos profissionais indagam do carater, da natureza musical do mestre que interpretam?

E quantos e quantos professores e interpretes, em vez de interrogarem com paixão os textos, de os comparar, de estuda-los a fundo, contentam-se em percorre-los superficialmente, aceitando sem analise erros vetustos, que por sua vez difundem e perpetuam?

Não constitui um verdadeiro escandalo o fáto de, **ainda hoje,** passar Beethoven, aos olhos da maior parte dos interpretes, por um compositor **classico?**

Evidentemente ele o foi em seus primeiros ensaios. Ninguem contesta que Beethoven, como todos os genios, mesmo os mais originais, atravessou um periodo de imitação e que suas primeiras obras, dedicadas a Joseph Haydn, "doutor em música", não sejam, indiscutivelmente, impregnadas dos **processos** usados por este músico.

Quem não compreende, no entanto, que esses **processos,** empregou-os Beethoven, apenas momentaneamente, emquanto não descobria outros capazes de exprimir um pensamento, um temperamento absolutamente diverso?

O **acento** beethoviano, resalta, a todo o momento em suas primeiras obras. Beethoven veste os trajes de Haydn, mas vê-se logo que sua estatura é outra... Por mais que ele procure **molda-lo** ao proprio corpo, o esforço que faz é evidente...

Então, o traje rasga-se e Beethoven atira-o ao canto das velharias...

Daqui em diante abre-se o periodo da libertação. A "voz" beethoviana levanta-se livre. E são, então, a Patética, a Op. 26, a 2.ª Sinfonia, a Heróica, etc.

Encontra-se, acaso, na obra dos mestres anteriores, o prenuncio de semelhantes acentos? Em algumas linhas de Mozart, talvez, entre as quais podemos citar varios fragmentos da Fantasia, para piano, onde a identidade de sentimento é acentuada, ainda, pela escolha do tom pelo qual a alma de Beethoven tanta vez se libertou.

Com Beethoven nós penetramos em uma arte onde o homem se revela completamente. O autor não se preocupa em agradar.

Em todo o caso, desde sua segunda fase temos a impressão de entrar com Beethoven numa grande floresta original. O pensamento, aqui, avulta, opulento e livre. A emoção, óra contida, óra transbordante, atravessa a música como um vento, que ás vezes murmura por entre a ramaria, outras vezes soluça e geme, profundamente doloroso, outras ainda, ruge e ulula, furioso... Beethoven "amava mais uma arvore que um homem" e tinha pela natureza uma ternura simples e profunda ternura esta que em suas horas de desalento levava-o aos grandes bosques silenciosos, cuja fresca mansuetude aquietava-lhe o coração tempestuoso...

Só ali encontrava o grande músico alguns momentos de paz.

Este amor pela natureza como todo grande amor, era em Beethoven, egoista. Narram varias testemunhas contemporaneas: "Quando alguns amigos iam visita-lo, pelo verão, ao campo, ele fazia tudo por fugir-lhes"... "Gostava de estar sozinho com a natureza, que era a sua

única confidente", escreveu Th. de Brunswick.

Uma sonata e uma sinfonia, revelam, entre outras obras, este amor que Beethoven nutria pela natureza. Não são, todavia, como se poderia supôr, caracteristicamente descritivas (o canto dos passaros no 2.° movimento da Pastoral, representa apenas, alguns **toques**, evocando um quadro bucolico por meio de alguns acentos típicos). "Descrever é missão da pintura", dizia o proprio Mestre. Essas obras são outras tantas emanações, tais como o perfume que se evola de cofre onde se guardam rosas...

Mas abstraindo destas obras, sente-se que Beethoven, derramara sobre a vastidão do mundo seu grande coração fraterno.

O músico, surge-nos na plenitude de sua força, como uma especie de potencia elementar, cheia de misterio e de grandeza, às vezes, ameaçadora, tempestuosa, até mesmo em seus momentos de júbilo.

Beethoven, foi o primeiro a introduzir na música a inquietação.

Nada de repouso, de segurança; nada destes desenvolvimentos previstos pela intuição do auditorio.

O rítmo é a miúde, interrompido bruscamente; grupos de notas estridentes parecem outros tantos lategos a estalar; um rumor tempestuoso se agita nos baixos...

Depois é o estender-se sereno de largas e plenas harmonias... Ora, tudo isto não foi bem compreendido por seus contemporaneos. "Toda e qualquer idéa em formação, aparece um tanto ridicula, para os embecís", dizia Claude Debussy. Weber, não dizia, acaso, que Beethoven "estava **maduro** para as casas de loucos"?

Mas a massa culta, a massa sensivel, e, pouco a pouco os músicos foram-se aproximando de Beethoven.

Era o reconhecimento de seu valor. Quando se concebe e se exprime o universal através do particular comunica-se com todo o genero humano.

Por isso é que nas obras de sua terceira fase, mais e mais Beethoven se expande. E' aí que ele acentúa o carater definitivo de sua arte elevando toda a ação, todo o sentimento humano a um típo heroico.

Quando nos aproximamos destas paginas temiveis, é que sentimos a nossa pequenez diante daquela imensidade.

E quando pensamos que para traduzir o infinito esplendor desta música nós só possuimos este pobre **caixão** de madeira, estes martelos, estas cordas, quando pensamos nas deficiencias beethovianas são muitas vezes insuficientes; considerando estas nossas pobres mãos que terão que realisar tantas coisas impossiveis, o desalento nos toma... E' preciso pensarmos, apenas, nessa especie de mistico esplendor, que enche esses veneraveis tabernaculos, nos grandes gritos de fé que irrompem desta música, nesta força animica que vivifica os temas...

... e, eis aqui, o homem com suas dôres, seus desesperos, suas revoltas; depois ei-lo envolto em luz, possuido por uma visão ultraterrestre. Já quasi que não é mais música. Quem se lembra, aqui, de sonatas? Onde estão todas as nossas pequenas decisões, nossas pequenas classificações? Até, mesmo, o rítmo, a harmonia, a melodia, que fins tiveram?

Estas palavras formam, mesmo, um sentido? Não. O que fica é, apenas, uma imensa vibração feita de todas as vibrações, cujas ondas se propagam numa amplidão sem limites... A Unidade que se divide para

produzir o infinito das coisas e dos seres, e que simultaneamente absorve todo esse infinito. E' a **Força em movimento.** A Vida rolando sobre si mesma; a pujante respiração de Deus!...

Estamos fóra do Mundo. E os mais clarividentes de nós movem-se aqui, tacteando, não porque nos envolvam trevas, mas sim, porque em torno a nós a luz é em demasia.

E podemos concluir citando as palavras de Liszt: "Para nós, musicos, a obra de Beethoven é como a coluna de nuvens e de fogo que conduzia os israelitas através do deserto: de nuvens, durante o dia, de fogo à noite, **podendo nós, assim, marcharmos dia e noite.**

•

ODNOPOSOFF NA CULTURA

Vindo da Argentina, passou por São Paulo, em Julho p., o ilustre violinista Ricardo Odnoposoff, que contratado pela Sociedade de Cultura Artistica de São Paulo, realizou em 22 daquele mês, um concerto para os socios dessa benemerita sociedade.

Ricardo Odnoposoff confirmou nobremente os elogios de que vinha precedido. Sua arte violinistica é de uma grandeza superior. Movimentos de arco, firmes e leves. Elegancia de estílo e sonoridade rica.

Aplaudido calorosamente pelo público que enchia literalmente o Teatro Municipal, o notavel artista visitante, viu-se forçado a executar varios extras.

C. de O.

INSTITUTO MUSICAL SANTA MARCELINA

Em seu luxuoso Salão Nobre, o Instituto Musical Sta. Marcelina, realizou em 3 de Setembro, uma fina hora de arte.

Do programa excelentemente organizado, figuraram duas lindas obras de autores nacionais: A casinha pequenina, Ernani Braga e Salvator Rosa (Aria), Carlos Gomes, ambas interpretadas pelo conhecido prof. Francisco Buggiani.

Em sólos de piano, apresentaram-se, além do apreciado pianista Rafael Puglielli, duas alunas do Instituto Sta. Marcelina, srtas. Edith Bogus e Yvette D'Utra Vaz. A primeira executou com muita expressividade a 1.ª Arabesca de Debussy, revelando muito talento artistico, e, a segunda, principalmente na "Fileuse", de Raff, demonstrou uma técnica bastante apurada, dona de uma agilidade e brilhantismo expontaneos.

Agradou sobremaneira o festival artistico do Instituto Musical Santa Marcelina, que reuniu uma assistencia numerosa e seléta. RESENHA MUSICAL agradece o atencioso convite.

C. de O.

•

VERDI

Dois meses após a primeira representação da ópera "La Traviata", Verdi escrevia no dia 7 de Março de 1853, a um amigo:

"Hontem á noite, La Traviata. Fiasco A culpa é minha ou dos cantores? Faço apêlo ao tempo"

Desse apêlo resultou, manifestamente, a condenação dos intérpretes.

A respeito de Música Religiosa

Uma medida que se impõe

Desde o pontificado de Pio X, que a questão da música sacra se impôz na liturgia da Igreja. Esse Pontifice que era uma alma nobilissima de artista, subindo ao trôno pontifical com a experiencia propria das suas pequenas igrejas paroquiais, que êle, em pessôa, dirigira antes de chegar ao histórico patriarcado de Veneza, preocupou-se imediatamente em sistematizar essa parte importante das cerimonias e das funções religiosas.

O Papa Pio X havia observado, ao seu tempo, que nas igrejas humildes e tambem nas monumentais das cidades, se andava, pouco a pouco, infiltrando o péssimo hábito de utilizar como acompanhamento das cerimonias e dos ritos de fé, música por vezes profana e, muitas vezes, realmente vulgar. Pio X inteveiu, então, com a sua conhecida energia e, com um "motu proprio" propôz-se a extirpar o máu costume profano e fazer reflorescer para ornamento do verdadeiro espírito cristão, a tradicional música sacra da ortodoxa liturgica e o maravilhoso canto gregoriano.

Aquele enérgico e oportuno "motu proprio" fez muito bem à vida das cerimonias da Igreja.

Após anos, já no pontificado de Pio XI, o Santo Padre, voltou com um novo "motu proprio", ao assunto reafirmando as normas relembradas por Pio X, dando, além disso, ordens aos bispos e aos "ordinari" para que o canto liturgico tivésse de novo um galhardo impulso e fosse reposto no seu antigo e puríssimo estilo, porquanto ressurgia a tendencia para reproduzir-se, em muitas igrejas católicas de todo o mundo, o reprovavel hábito de enxertar música e canticos profanos nas cerimonias religiosas.

Mas, agora, como acontece em todas as coisas desta terra, mesmo quando se referem às relações dos homens com a Divindade, passados muitos anos daquela severa admoestação, sucedeu um novo relaxamento resurgindo a tendencia para reproduzir-se, em algumas igrejas católicas, o reprovavel costume de incluir música e canticos profanos nas cerimonias religiosas. Segundo temos conhecimento, em algumas localidades do interior do nosso Estado, individuos que se rotulam maestros e compositores, vêm transgredindo essas ordens de relevante importancia religiosa, social e artística, na direção dos córos, fazendo executar suas proprias composições em fórmas de Missa ou de outras faturas, sem nenhum valor musical ou artístico, revelando a existencia de um abuso que precisa ser reprimido com energia pelas dignas autoridades eclesiásticas, porque o povo precisa compreender, na música, as profundas belezas da música sacra e do canto gregoriano penetrando os segredos da música religiosa de alto estílo vocal ou instrumental e não sentir-se influenciado por uma arte de modalidade inferior, mescla de profano, ignorancia e vulgaridade.

MICROFONE

Genesio Pereira Filho

Celestino Paraventi

Alzirinha Camargo

Grupo Regional de Laureano

APRESENTAÇÃO

A convite de meu prezado amigo, prof. Clovis de Oliveira, que tão brilhantemente dirige esta revista, inicío hoje esta secção.

Quero dizer algumas palavras, de início, sobre a minha orientação. Apoiarei toda iniciativa que vise concorrer para a elevação do ambiente radiofônico nacional, sabendo, tambem, censurar o que não fôr bom.

Tendo dirigido secções de rádio em vários orgãos, conheço o que é o espinhoso ofício de cronista radiofônico. Artistas ha que compreendem o direito de crítica, acatam as censuras que se lhe são feitas. Outros, porém, à menor censura, bradam aos céus, desandam sobre o cronista com toda sorte de inventivas. O cronista é um anulador de valores, um destruidor... Julgam-se, esses educadissimos elementos, que são perfeitos, que não têm rivais. Foram censurados? Ah! o cronista é que não entende do assunto, é um analfabeto, etc., etc.

Os próprios leitores, por vezes, não concordam com a gente. Deveriam saber que a variação de gosto é natural, que o cronista é apenas um orientador. Mas, olham para o seu lado exclusivamente e achincalham o pobre jornalista. É difícil contentar a todos. Agradando a uns desagrada-se a outros.

O que tenho a afirmar, assim, nesta apresentação é o seguinte: não me deixo levar por opiniões dos outros, senão pela minha própria. Louvarei os bons elementos e as bôas iniciativas. E os maus elementos e as más realizações serão, igualmente, condenadas.

É preciso compreensão de que não tenho interesse em realçar ou perseguir artistas.

Minha crítica será sincera, buscando a verdade.

Os bons espíritos a saberão compreender.

A VOZ DO BRASIL

— Alzirinha Camargo, a loirinha de Itapetininga, vem alcançando notavel vitória nos Estados Unidos. Carmem Miranda abriu o caminho e outros elementos poderão segui-la.

Os jornais destacam o sucésso de Alzirinha, e com razão. Quem a conhece só poderá felicitá-la.

— Vicente Celestino realiza uma temporada lírica no Rio.

— O programa sertanejo que Laureano dirige na Rádio Tupí, com a participação de Arnaldo Meirelles, Laureano e Zequinha, é dos melhores no gênero. Laureano apresenta-se ainda, diariamente, só, às 9 horas, pelo mesmo microfone.

— A Rádio Cosmos, PRE-7, conta com um novo locutor, Francisco Bruno Sobrinho, um elemento que nasceu na PRG-4, de Jaboticabal.

— João Bento, da Cosmos, regressou do Rio de Janeiro, onde esteve a passeios.

— A Rádio Clube de Jaboticabal, estação PRG-4, comemorou a 22 do corrente o seu 6.° aniversário. À popular emissora do interior paulista, as felicitações desta Revista.

— O programa sertanejo que o cap. Balduino chefia na Radio Bandeirante é uma das bôas apresentações que tenho ouvido ultimamente.

— Nhá Zéfa é, sem duvida, uma bôa artista. Seu programa é interessante. Nos anúncios, sua voz estridente desagrada um pouco.

FIQUE SABENDO QUE...

... João Bento, da Cosmos, é universitário de direito. Nasceu em Mocóca.

... Nicolau Tuma é advogado e casado ha pouco.

... Alceu Camargo Silveira, da Rádio Difusora, foi gerente da Rádio Clube de Jaboticabal, PRG-4.

... o nome do Laureano é Ochelsis Laureano.

(Convites, consultas ou qualquer comunicação para esta secção, em nome do cronista, devem ser dirigidos a RESENHA MUSICAL, Rua Consenheiro Crispiniano, 79, 8.º andar).

●

NUPCIAS

De Mingo-Vaz Arruda — Realizou-se em 12 de Setembro, ás 17 horas, na Igreja do Sagrado Coração de Jesús, o enlace matrimonial da pianista professora Yolanda De Mingo, filha da sra. D. Paschoalina De Mingo e do conhecido escultor brasileiro sr. Roque De Mingo, com o sr. dr. Adolfo Vaz Arruda.

Após a cerimonia religiosa, os noivos receberam os cumprimentos em casa dos pais da noiva, onde foi oferecida fina recepção.

Wancolle-Buoncristiani — Em 16 de Setembro, na Matriz da Consolação, às 17,30 horas, realizou-se o casamento da srta. Rina Wancolle, filha diléta do casal Prof. José Wancolle, de larga projeção nos meios sociais e artísticos da Paulicéa, com o sr. Gino Buoncristiani.

Após a cerimonia religiosa, os nubentes, que foram muito cumprimentados, ofereceram uma brilhante recepção no Automovel Clube.

RESENHA MUSICAL deseja felicidades aos distintos nubentes.

●

Curiosidades

HAENDEL

Haendel era um musico tão trabalhador, constante e rápido, mesmo quando já paralisado em parte. Possuia êle um cravo velho, que era o seu instrumento favorito, cujas teclas pelo seu uso constante achavam-se cavadas como uma colher.

MONTAL

O primeiro cégo que teve uma fábrica de pianos em París, chamava-se Montal. O seu estabelecimento tornou-se muito importante. Ele foi fornecedor da imperatriz Eugênia, do rei Hanowe e da Casa Imperial do Brasil.

Montal obteve, de 1845 a 1856, onze medalhas e diplomas de honra nas diferentes exposições francesas e estrangeiras e foi condecorado com a Legião de Honra pelos aperfeiçoamentos que introduziu na contrução de pianos. Morreu em 1865.

No proximo numero: — **Coração Santo** — (Peça infantil para piano) — Clovis de Oliveira. — III Suplemento de RESENHA MUSICAL.

Edições Musicais

Prof. Clovis DE OLIVEIRA

FOLHAS QUE O VENTO LEVARÁ...

Prof. Samuel Archanjo -- 1490 S. PAULO

Não faz muito tempo RESENHA MUSICAL publicou nesta mesma secção, um comentario assinado pela professora d. Ondina F. Bonora de Oliveira, sobre "Minha Mãe", linda peça para côro a tres vózes, da autoria do prof. Samuel Archanjo dos Santos. Em número mais recente, comentou, por meu intermédio, a obra "Cirandinhas brasileiras", desse mesmo autor. E, hoje, seguidamente, voltamos a comentar outra obra desse incançavel mestre: "Folhas que o vento levará...".

O nome sugestivo nos faz imaginar assunto bem diverso ao realmente tratado no rico volume. Nome romance! Julguei até que fosse romance! Mas o é pelo espirito.

O livro é composto por um valioso conjunto de crónicas que o autor escreveu para a estupenda revista "Dom Bosco", do Liceu Coração de Jesús, desta Capital. O nome "Folhas que o vento levará..." não foi recentemente escolhido, pois que data desde a primeira crónica, ha alguns anos escrita para a citada revista, sob o pseudonimo de Saleshumilis.

Os leitores de RESENHA MUSICAL devem estar lembrados que já transcrevemos uma dessas crónicas, a que trazia o subtitulo: Vóz Humana e Música Vocal — A Música Vocal nas Escolas. (Vide RESENHA MUSICAL — ns. 17-18, Janeiro e Fevereiro — 1940). Peço aos prezados leitores que releiam o artigo citado, afim de poderem calcular o quanto de importante e de cultural existe na preciosa coletânea.

No livro "Folhas que o vento levará..." o autor recorda as dansas antigas, desde a mais antiga até o samba hodierno, de uma maneira atraente, suave e precisa. Nada de complicações teóricas malbaratadas, como é hábito de muitos que se dedicam a esse gênero de literatura.

O prof. Samuel Archanjo, não escreveu essa obra com o fim de mostrar sua erudição no assunto pois que esta já nos é de sobejo conhecida através o seu fecundo labutar como membro do corpo docente do Conservatorio de São Paulo, onde é lente-catedrático, como autor de inúmeros livros didáticos e crônicas para as revistas especializadas, sobresaindo dentre todas, a sua atividade como membro do Conselho de Orientação Artística do Estado, onde tem devotado seu esforço em pról do elevamento do ensino artístico no Estado de São Paulo.

Apreciando o novo livro do prof. Samuel, vemos desfilar ante os nos-

sos olhos os inúmeros capitulos como quadros vivos, musicados e variegados, romanticos e alegres de épocas que transitaram pelo mundo. É a evolução da dansa de todos os tempos. É um passado util e lindo, compilado para o presente. Lêr e aprender, lêr e sentir, lêr e recordar, lêr e ouvir, lêr e vêr, eis como os leitores deverão prender-se á leitura dessas folhas que o vento jamais levará.

Um esclarecimento: no livro do prof. Samuel Archanjo não há música, porém, segundo estamos informados, proximamente será publicado um volume desse ilustre musicista brasileiro, cujo reunirá um exemplo musical de cada uma das dansas que compõem a literatura do formoso livro óra posto á venda pela Casa Ricordi (distribuidora). Por conseguinte o livro "Folhas que o vento levará..." terá o seu complemento na obra a ser publicada e esta, por sua vez, o seu em "Folhas que o vento levará...", que recomendo a todos que desejam comnhecer as óbras uteis e indispensaveis que compõem a escassa bibliografía musical em lingua portugueza. É um livro util e indispensavel, repito. Dos mais completos no assunto.

RESENHA MUSICAL agradece a gentileza do exemplar que recebeu e felicita o autor pela óbra notavel com que premiou a bibliografía musical de nosso paiz.

●

NOTAS LIGEIRAS E APONTAMENTOS SOBRE O HÍNO

Frederico De Chiara — Ed. Melodia, São Paulo e Rio

O Editor Mangione lançou mais um produto da cultura brasileira no comercio artístico: trata-se de um trabalho sobre o Híno, elaborado pelo prof. Frederico De Chiara. Essa obra apresenta-se de maneira clara, suscinta e bem coordenada. Embora de feitio despretencioso, não deixa o bem feito opusculo de denunciar o seu valôr qualitativo. A matéria é desenvolvida sinteticamente de maneira a interessar qualquer leitor, mesmo os mais leigos, sobre o assunto tratado. Na fórma como conduz os comentarios, mostra o prof. Frederico De Chiara, a sua alma de pedagogo pratico nas lides escolares. No 1.° Capitulo "Linguagem e música", o autor aborda, em carater de ensaio, "a origem e influencia reciproca entre a linguagem e a música". O 2.° Capitulo, "Híno" encerra considerações gerais sobre o híno, discorrendo, tambem, sobre o híno religioso e profano. Abrindo os Capitulos II e IV cita o Tedeum, o Magnifica e outros hínos sacros e ao tratar os hínos profanos dá a fórma déssa composição, segundo a opinião de G. Bas, terminando com a sagrada historia do nosso Híno Patrio e uma copiósa relação de hínos mais vulgarmente cantados.

RESENHA MUSICAL, distinguida por um exemplar pelo Editor Mangione, felicita-o pelo auxilio que vem de prestar à mocidade estudiosa, cumprimentando, tambem, o prof. Frederico De Chiara, ilustre autor da obra que apreciamos.

Concertos... Noticias... Varias...

INSTITUTO MUSICAL DE SÃO PAULO

A Diretoria do Instituto Musical de São Paulo, promoveu em 16 de Setembro, uma Audição de alunos em homenagem a Carlos Gomes.

O grande músico brasileiro, cujo aniversário de sua morte, passava naquele dia, foi recordado condignamente pela voz vibrante do maestro João Gomes Junior, que discorreu sobre a vida de Carlos Gomes, sendo aplaudido entusiasticamente pelo fino auditorio.

O programa musical que transcrevemos constou exclusivamente de peças da autoria de Carlos Gomes:

Protofonía do Guaraní (piano, 4 mãos), srtas. Branca Ceriani e Selma Chebl; Ciel de Parahyba, Aria do Schiavo, canto, srta. Leonor Wagner Mostasso; Dolce Rimprovero, Zuleika S. Kenworthy; Salvador Rosa — Mia Piccirella, Ignez Gomes Cardim; Mamma Dice. Tercina Saraceni de Mattos; Qui Pro Quo, Carmen Dulce Marcondes Machado; Clair de Lune, violino, Tito Livio Castex Cabral: Quando nascesti tu, Schiavo, César Dias Batista; Ballada do Guarany, Tercina S. de Mattos; Romanza da Ilára, Schiavo, Carmen Marcondes Machado; Salvador Rosa, Romanza (piano), Djaníra Pinheiro Franco, Duetto do Guarany, César Dias Batista e Tercina Saraceni de Mattos; Conselhos (arranjo de J. B. Julião) e Híno Nacional, pelo Orfeon.

Estivéram presentes o sr. dr. Fernando Lobo, digno fiscal estadual, sr. prof. Clovis de Oliveira, diretor de RESENHA MUSICAL, e grande numero de convidados.

"COISA RARA", DE SOLER

Segundo noticias procedentes de Barcelona, foi encontrado todo o material da opera "Coisa Rara", original do músico hespanhol Soler, contemporaneo de Mozart.

A opera, considerada como de mérito singular, será estreada na próxima temporada do Teatro Liceu, tendo sido já iniciados os trabalhos preliminares.

A mesma é equiparada aos melhores trabalhos de Mozart.

ASSOCIAÇÃO GUITARRISTICA ARGENTINA

Recebemos da digna Diretoria da Associação Guitarristica Argentina, o programa completo de seu VI° Ciclo, correspondente ao mês de Setembro. Em 1.°: I — Trio op. 1 n.° 3 . . . Beethoven, violino, Hermesinda Natola; violoncelo, Aurora Natola e piano, Roberto Castro;

Em 8: I — Declamação, Alicia Natola; violoncelo, Aurora Natola e piano, Roberto Castro; II — Teatro de Camara, fragmento de **Dona Rosita la soltera,** de Garcia Lorca, interpretes: Mimi Migliore Romero e Carlos D'Agostinho; III — Guitarra, pela virtuose Julieta Mosquera. Baibiene; II e III partes, guitarra, pelo virtuose Emilio Colombo.

Em 15: I — canto, Jorge O. Payn, piano, Enrique M. Solari; II — piano, Matilde Benito Ferrari; III — Guitarra, virtuose Matilde Calandra.

Em 22: I — Mozart, disertação pelo prof. Carlos A. Larride; II — piano, Ester Rossi e III parte, guitarra, virtuose, Esteban Avila Suarez.

Em 31: Concerto de Guitarra, pela virtuose, Adolfina Raitzin.

CONFERÊNCIA SOBRE A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

Em 28 de Setembro, no Salão Nobre da Associação dos Ex-Alunos Salesianos, o Dr. Ulysses Paranhos, nosso brilhante colaborador e conhecido homem de letras, fez uma conferência sobre a Música Popular Brasileira.

A conferencia, ilustrada por numeros musicais foi muito apreciada pela seleta assistencia. **Resenha Musical** publicará na integra, no proximo numero a referida conferencia e o programa musical.

LARANJEIRA E TABACOW

Proségue em sua "tournée" pelo interior do nosso Estado, em companhia do brilhante virtuose Adolfo

Tabacow, o aplaudido violinista patricio Raul Laranjeira.

Realizaram esses artistas um concerto em Guaratinguetá, na segunda quinzena de Setembro, o qual revestiu-se de um sucesso extraordinário.

Pelas noticias que colhemos, esses virtuoses premiarão outras cidades da Central, com a sua arte invejavel.

UM CONJUNTO MUSICAL FEMININO, NO RIO

Afim de emprestar seu concurso aos festejos de 7 de Setembro, esteve no Rio de Janeiro, onde alcançou sucésso, a Banda Feminina de Maceió, que já excursionou brilhantemente pelas principais cidades de Alagôas.

CHOPIN — AS "BALLADAS"

Comunica-nos o dr. Alonso Anibal da Fonseca, nosso brilhante colaborador, que, infelizmente, devido a compromissos assumidos que lhe tomaram maior parte de seu tempo, não poude como era desejo, completar o II Capitulo do trabalho: Chopin — "As Balladas".

Lamentamos e pedimos desculpas aos leitores que anciosos o aguardam, afirmando, porém, que o mesmo será publicado logo que o tenhamos recebido de seu autor.

A Redação

DESCOBERTA DE UM QUADRO NOTAVEL

O Museu Nacional de Stockolmo noticia ter descoberto nas suas coleções, o notavel quadro "São Bartolomeu", que mostra o santo sofrendo o martírio, da autoria do famoso pintor hespanhol José de Ribera.

Ha muito tempo a pintura em questão vinha sendo objéto de contestação. Quando o quadro foi ofertado, 1896, ao Museu Nacional de Stockolmo, onde foi colocado na sala italo-hespanhola, atribuiu-se a sua autoria ao pintor hespanhol do século XVII, José de Ribera; porém, mais tarde, diversos peritos se negaram a reconhece-lo como uma obra desse mestre e declararam que não era mais que uma copia. Todavia, com uma minuciosa restauração do mesmo, logrou-se descobrir, não sómente a assinatura do mestre "José de Ribera, hespanhol, F. A. 1644", mas tambem — o que é talvez ainda mais interessante sob o ponto de vista artístico, debaixo de uma camada de nódoas e de retoques, uma obra quasi nova, pela riqueza de colorido e pelo estílo, a qual ninguem por certo suspeitou anteriormente ao contemplar o quadro. O trabalho de restauração é considerado como o mais notavel até agora efetuado no Museu de Stockolmo.

Composto e impresso nas oficinas gráficas do LEGIONARIO — Rua Imaculada Conceição, 59 — Telefone 5-1536 — S. PAULO

A DANÇA E A SUA PRATICA PELAS CRIANÇAS

A dança é bem a música silenciosa dos gestos. Quando em suas altas formas, constitui um poema sem palavras, a que não falta o sentimento, o colorido, a intenção filosófica, etc.

Pode-se exprimir por meio de um bailado os sentimentos mais complexos como os pensamentos mais profundos. O criador de um alto bailado é sempre um artista que póde transcender no tempo e no espaço, produzindo obra não só de imaginação como tambem de reconstrucção psicológica.

Quantas coisas póde dizer um gesto! É a síntese, muda mas não me-

nos eloquente, de um ciclo completo de emoções. O que a escultura fixa em sua divina imobilidade, o gesto traduz em sua melodia, sua vóz...

É, ainda, uma lição de beleza e de aperfeiçoamento espiritual, pois não ha nada mais nobre que a forma humana. E como a dança, poema rítmico, adquire graça, doçura incomparavel, quando executada por crianças!

A ingenuidade infantil, o encanto das pequeninas criaturas, seu ar de eternas deslumbradas diante das coisas e das sensações, crescem de ponto num bailado. Um numero de dança executado por creanças lembra-nos as coisas mais claras da vida: garças brancas ao longo das praias, ao despontar da madrugada... canteiros de margaridas, humidas de orvalho... falenas alvas voando sobre rozaes floridos...

Um bailado executado por criança é sempre, para os que sentem a penetrante poesia dos gestos harmonicos um momento de supremo prazer espiritual. Quanta beleza, por exemplo, nos movimentos de crianças dansando o "Momento musical", de Schubert!

O ensino dos bailados como esse e outros do mesmo genero, onde todos os movimentos obedecem a uma intenção altamente plastica devia figurar nos programas de nossas escolas primarias e de nossas escolas de arte.

Seria muito mais producente que a pratica de alguns exercicios esportivos, que para as meninas, principalmente, só servem para desenvolver o físico, com pouco ou nenhum proveito do espirito.

Evocação

SOBRAL JUNIOR

Especial para RESENHA MUSICAL

Na penumbra da sala
Onde o crepusculo punha um debil clarão de ouro
E o silencio uma saudade
Repassada de tristeza,
Vi nas teclas do piano um lírio desfolhado
Pensei nos noturnos de Chopin,
Nas tuas glorias imortais de artista,
Em teu ardente sentimento de amorosa,
De mulher apaixonada...

E, nesse ambiente evocativo,
Contemplando o alvo lírio desfolhado,
Julguei que fosse a alma branca dos teus dedos harmoniosos
Que ficou nas teclas do piano abandonado.

PORTINARI ADMIRADO NOS ESTADOS UNIDOS

Entre os grandes pintores modernos, o nome de Candido Portinari ocupa um lugar de grande relevo. Depois de convidado pelo governo para fazer as pinturas murais do novo edificio do Ministério da Educação, obra que veiu consagra-lo definitivamente como uma das maiores expressões da arte modernista, Portinari recebeu ha pouco do Museu de Arte Moderna de Nova York um convite para realizar alí uma exposição individual de seus trabalhos.

CONSERVATORIO MUSICAL "CARLOS GOMES", DE CAMPINAS

Recebemos e agradecemos o convite-programa para a Audição de encerramento das atividades do 1.° semestre, que a competente direção daquele modelar estabelecimento de ensino artistico fez realizar em seu Salão Nobre, em 1.° de Junho p. p. O Conservatorio Musical Carlos Gomes, de Campinas, goza atualmente da inspeção preliminar de acôrdo com o Decreto Estadual n.° 9798, de Dezembro de 1938, pelo que apresenta aos seus alunos um diploma de reconhecido mérito e de inegavel valor.

AMELIA E SILENE BRANDÃO

Em "tournée" artistica pelo interior bandeirante, partiram ha poucos dias as brilhantes artistas Amelia e Silene Brandão, em missão de divulgação da música indigena da America.

Agradecendo a visita dessas brilhantes interpretes folcloristas, RESENHA MUSICAL deseja-lhes sucesso na longa viajem que pretendem efetuar.

ORQUESTRA SINFONICA BRASILEIRA S. A

Um grupo de músicos brasileiros, reconhecendo a necessidade de uma grande orquestra destinada exclusivamente a concertos sinfonicos, dispuzeram-se a organizar a "Orquestra Sinfonica Brasileira S. A."

A "Orquestra Sinfonica Brasileira", que funcionará no Rio de Janeiro, estenderá em futuro proximo, o seu raio de ação pelos Estados do Brasil e, possivelmente, pelos países sul-americanos.

São seus fundadores os srs. José Siqueira, Alfredo Gomes, Alberto Lazzoli, Antão Soares, Antonio Leopardi e Orlando Frederico, professores catedraticos na Escola Nacional de Música; Nelson Cintra, Iberê Gomes Grosso e Djalma Guimarães, professores do Serviço de Educação Musical e Artistica da Municipalidade carioca; Fortunato Nascimento e dr. José Gonçalves Bandeira.

A séde provisória da "Orquestra Sinfonica Brasileira" encontra-se instalada à rua Alcino Guanabara, 5, 2.° andar, no Rio de Janeiro.

SOCIEDADE MUSICAL DE RIBEIRÃO PRETO

Ribeirão Preto é uma das cidades mais bélas do interior paulista. É uma miniatura da monumental Capital bandeirante. O progresso sempre foi um dos caracteristicos da **rainha do café.** Não só o progresso material que enriquece e engrandece a urbs, mas tambem o cultural que a eleva de plano intelectual.

Seguindo esse rítmo de desenvolvimento cultural, a Sociedade Musical de Ribeirão Preto dá ao povo daquela cidade, a sua cooperação no campo da arte.

Em 29 de Julho ultimo, realizou-se no Teatro Pedro II, um dos mais completos do interior do país, um grande Concerto Sinfonico, a cargo de sua disciplinada orquestra, composta de 45 professores, sob a regencia do maestro A. Giammarusti. Em primeira audição, foram ouvidas: obras de Rossini, Beethoven, Hérold, destacando-se do programa o apreciado BATUQUE, de autoria do notavel compositor brasileiro, Alberto Nepomuceno.

Uma cousa podemos afirmar: se Ribeirão Preto proseguir nessa marcha vanguardeira no campo artistico, dentro em pouco tornar-se-á um dos mais disputados centros artisticos do interior do Estado de São Paulo.

ORQUESTRA SINFONICA NACIONAL DE LIMA

Recebemos da Direção da Orquestra Sinfonica Nacional de Lima, Perú, programas de suas ultimas realizações artisticas, correspondentes aos meses de Março, Abril, Maio, Junho e Julho, sob a regencia do maestro Théo Buchwald. Atuou como solista em um dos concertos o violinista Virginio Laghi.

Em Junho, no Teatro Municipal de Lima, realizou-se um concerto da soprano araucana Rayen Quitral, com acompanhamento de orquestra de camara, sob a regencia do maestro Soto Carvajal.

MARIA DE LURDES NATALE

Essa jovem pianista que já por varias vezes tem se apresentado ao publico paulistano, discipula da professora Nínfa Glasser, colheu em seu ultimo recital, realizado no Salão Gomes Cardim, desta Capital, o aplauso unanime da platéa paulistana.

No programa apresentado, figuravam Passagem do Batalhãosinho (a pedido) de Clovis de Oliveira, peças de Frutuoso Viana, Vila Lobos e classicos alemães e italianos.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

REVISTA BRASILEIRA DE MÚSICA, vol. VI, 1939, publicação da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro. Como os numeros anteriores, esta magnifica revista apresenta-se repleta de otimos artigos, tornando-se cada vez mais indispensavel, às bibliotécas especializadas. Do seu longo sumario, destacamos: LUIZ HEITOR — Introdução ao Curso de Folclore Nacional da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil; C. Barros Barreto, o Brasil reflete sua natureza; Castro e Silva, O Samba Carioca; B. Eisenlohr, Considerações sobre timbres de instrumentos musicais; A. Garritano, O que eu vejo em Claudio Aquiles; S. Guaspari, O "toucher" pianistico; L. Fernandes, Viajem de propaganda .cultural da música brasileira através da America Latina; etc.

REVISTA MUSICAL PERUANA, diretor: Rodolfo Barbacci, ano II, ns. correspondentes aos meses de Fevereiro, Março, Abril, Maio, Junho e Julho — Lima, Perú.

NOTICIARIO RICORDI, ano 4, n.° 5, maio de 1940, Buenos Aires, Argentina.

DISCURSO, pronunciado no Concerto inaugural da Sociedade "Humbert Blank", pelo sr. Orlando Martines, na Sala Espandero, em Havana, Cuba.

SERVIÇO SOCIAL, Junho, 1940, ano II, n.° 18, São Paulo.

REVISTA DE LA GUITARRA, publicação ilustrada mensal da Associação Guitarristica Argentina, ano II, maio, 1940, n.º 5, Buenos Aires. Traz um suplemento musical: La candeur, F. Sor (para guitarra).

ESTATISTICA DO ENSINO, separata do Anuario Estatistico do Brasil, ano IV, 1938, publicação do Instituto Brasileiro de Geografía e Estatística do Rio de Janeiro.

REVISTA BRIDGE, diretores, Herculano F. Filho e Rui Benaton Prado, orgão oficial da Federação Paulista de Bridge, São Paulo.

RELATORIO DA SANTA CASA DE PIRACICABA, referente ao exercicio de 1939.

REVISTA DE LA GUITARRA, mensario argentino, ano II, Junho, 1940, n.º 6, Buenos Aires. Com suplemento musical: Estudo e Capricho, de Adolfe le Dhuy (para guitarra).

●

Curiosidades

RUBINSTEIN

Artur Rubinstein, falando a um curioso que o interrogava, sobre sua vida de artista, respondeu:

"Revelei as minhas tendências musicais desde a idade de dois anos. Meus pais, varsovianos de origem, entenderam de iniciar-me no violino. Firmes neste propósito, adquiriram-me um e contrataram um excelente professor para ensinar-me. Todos os esforços deste e todas as instancias de meus pais foram inuteis. Detestava musica reduzida a um numero escasso de sons. Queria-a em toda a sua amplitude orquestral, rica de sons, de compassos e de intercandências. Um dia, possuido de ódio ao violino, quebrei-o na presença do meu professor. Foi grande o desespero dos meus pais e do meu mestre. Outros violinos sucessivamente tiveram a mesma sorte. As minhas preferências pelo piano eram mais que patentes. Venci a relutancia dos meus pais e dos professores e dediquei-me inteiramente, a este instrumento, consagro-lhe toda a minha dedicação".

FRASES CÉLEBRES

Beethoven ao concluir a 9.ª Sinfonia:

"Venha a morte! Está terminada a minha obra".

Carlos Gomes, quando caluniaram-no, ter-se ele naturalizado italiano:

"Sou e serei sempre o Tonico de Campinas. Amo a Italia, é a minha segunda Pátria, mas nunca deixarei de ser o brasileiro de sempre."

Beethoven, assim escreveu no seu testamento de Heligenstadt:

"Só a virtude me levantou da minha miséria; só a ela e á minha arte devo não ter terminado pelo suicidio os meus pobres dias."

Mozart quando em seu leito de morte:

"Morro no momento em que ia gozar dos meus trabalhos; tenho de renunciar á minha arte, quando me podia entregar inteiramente a ela;

quando depois de ter triunfado de todos os obstáculos, ia escrever o que o meu coração ditasse."

Quando **Mozart** ouviu pela primeira vez a **Beethoven**:

"Escutai esse rapaz e ficai certos que terá um grande nome no mundo."

MAXIMAS

"Enviar luz às profundidades do coração humano, eis a missão do artista." **(Schumann)**

"Sê conscencioso e justo nas tuas criticas e serás conceituado." **(Schumann)**

"O ideal da expressão nasce na alma e não nos sentidos." **(Marmontel)**

VILA LOBOS

A "Hoch Schule Fur Musik", de Berlim, adquiriu a obra completa de Heitor Vila Lobos, o genial compositor brasileiro, um dos mais inspirados compositores modernos, para figurar no seu arquivo entre as obras dos maiores compositores musicais de todos os tempos.

GUAYARRE

Na casa em que nasceu o grande espanhol Guayarre, foi colocada uma placa feita pelo escultor roncalês Dom Fructuoso Arduna (conterraneo de Julião Guayarre), por iniciativa da "Tertulia Navarra" de Madrid. Segundo se diz, porém, o proprietário do prédio onde nasceu esse célebre tenor, não queria permitir a colocação da mesma para não tirar o valor da reforma feita no referido edifício, não compreendendo que a lápide lhe daria um alto valor moral, denotando o proprietário justo patriotismo. Mesmo sem o seu consentimento a placa foi colocada...

DONIZETTI

O grande compositor italiano G. Donizetti, ao confiar seu piano ao seu cunhado Antonio Vaselli, assim escreveu:

"Não vendas por preço algum o piano que encerra toda a minha vida artística. Desde 1822, lá murmuraram Ana Bolena, Maria Rohan, Lucia, Roberto, Belisário, Marini, os Martíres, Olive, Aco, Furioso, Hugo, Pazzi, Pia e Rodeus. Ó! deixa que viva! Vivi com ele na idade das esperanças a vida conjugal e a solitária. Ouviu as minhas alegrias, minhas lágrimas, a esperança desiludida, as honras... Dividiu comigo os suores e as fadigas... Á! viveu o meu genio, nele reviveu todas as épocas de minha carreira... Conserva-o como dóte de mil pensamentos tristes e alegres."

CAVOUR E A MÚSICA DE VERDI

Conta-se que em 1859, à hora em que se achava em jogo o destino da Italia, Cavour, o ministro piemontês, estava inquiéto, em seu gabinete, à espera de uma mensagem, que lhe devia anunciar a passagem do Ticino pelas tropas austriacas, o que indicaria a intervenção francesa. O telegrama não chegava. Finalmente, entrou um portador, das mãos do qual Cavour arrancou o papel e sofregamente leu. Quís falar, mas não poude. As pessôas presentes acudiram, para que êle não caísse, mas abrindo a janela o grande, estadista entoôu, com plena vóz, a famosa cabaletta do "Trovador", de Verdi: "Di quella pira". Só essa música fôra capaz de igualar sua emoção e de a traduzir.

Departamento Social da "Resenha Musical"

Brevemente dará inicio às suas atividades, o Departamento Social de "RESENHA MUSICAL".

De suas futuras atividades, constarão conferencias e recitais para os assinantes de RESENHA MUSICAL. Estas realizações artisticas, serão oferecidas sómente aos assinantes que participarem do quadro do Departamento Social. Não poderão figurar no referido quadro, pessôas que não sejam assinantes de RESENHA MUSICAL.

AOS CONCERTISTAS

RESENHA MUSICAL avisa a todos os concertistas em geral (pianistas, violinistas, violoncelistas, etc.), que o seu Departamento Social se prontifica a preparar seus concertos em São Paulo.

Uma vez entregue ao Departamento Social de "RESENHA MUSICAL", a organização dos concertos, os srs. artistas poderão livrar-se desse exaustivo trabalho, evitando desperdicio de tempo e de energias.

Peça-nos informações a respeito.

AOS ESTUDIOSOS E AMANTES DA MÚSICA

RESENHA MUSICAL facilitará aos seus assinantes, leitores e amigos, todas as informações que desejarem sobre compra de livros, métodos, músicas, rádios, vitrolas, discos, instrumentos musicais e accessorios. Para esse fim, possue um Departamento de Informações, do qual fazem parte "virtuoses", professores, músicos e técnicos.

Procure conhecer o serviço rápido e completo do nosso Departamento de Informações.

AOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO ARTISTICO

RESENHA MUSICAL, afim de facilitar aos estabelecimentos de ensino artistico do interior do Estado de São Paulo, que estão sujeitos ao Decreto Estadual que regulamenta o ensino artistico e que ainda não providenciaram o seu registro no Conselho de Orientação Artistica do Estado, pelo seu Departamento de Informações, se prontifica a dar todas informações necessarias, assim co-

mo providenciará o encaminhamento dos papeis.

Escreva-nos, que o Departamento de Informações de RESENHA MUSICAL, está apto a prestar todas as indicações necessarias.

VISITAI A REDAÇÃO DE "RESENHA MUSICAL"

RESENHA MUSICAL — Coleções do 1.º ano

Temos à venda em nossa Redação, sómente 50 coleções encadernadas do 1.º ano de vida da nossa vitoriosa RESENHA MUSICAL, cujos números de ha muito estão esgotados.

Preço de cada coleção .. 15$000

Pelo correio, mais ...... 1$000

AOS ESTUDIOSOS E AMANTES DA MÚSICA

V. S. deseja possuir em vossa bibliotéca uma preciosa coleção de retratos em tamanho cartão postal de artistas, compositores, regentes, musicistas, musicolos, criticos, etc., nacionais? Então faça-nos um pedido da Série A, composta de retratos dos grandes vultos do meio artistico nacional:

Alonso Anibal da Fonseca (pianista);

Artur Pereira (compositor);

Barroso Netto (compositor);

Frutuoso Lima Viana (compositor e pianista);

Francisco Manoel da Silva (compositor);

Luiz Heitor Corrêa de Azevedo (musicolo e critico);

Samuel Archanjo dos Santos (musicista);

Raul Laranjeira (virtuose do violino).

Brevemente, Série B.

DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÕES DE "RESENHA MUSICAL"

V. S. deseja enriquecer sua bibliotéca com livros sobre Historia da Música Brasileira, Historia da Música, Folclore nacional, biografias dos grandes músicos, etc.?

Escreva-nos hoje mesmo para o Departamento de Informações de RESENHA MUSICAL, que este lhe endereçará todas as informações desejadas

COLEGIO CARLOTA KEMPER

Promovida pelo Departamento de Música do Colegio Kemper, de Lavras, Minas Gerais, realizou-se em sua sala de concertos, uma fina audição de seus alunos, em 13 de Junho passado.

O programa caprichosamente organizado, era composto de obras valiosas, dentre as quais destacamos: Congada, de Mignone; Quem sabe? e Sinfonia de Salvador Rosa, de Carlos Gomes. Temos a certeza de que essa brilhante festa de arte agradou imenso pela execução concienciosa de seus interpretes, que obedecem orientação firme e elevada de competentes professores.

"Resenha Musical"

Na sua edição de 18 de Junho p., o conceituado matutino paulistano "Jornal da Manhã", publicou um brilhante editorial apreciando com palavras de justo entusiasmo, a ação incansavel a que vem se dedicando o nosso ilustre Diretor, sr. prof. Clovis de Oliveira, em favor da arte nacional. Para conhecimento dos nossos leitores, transcrevemos alguns trechos desse vibrante artigo.

Falando sobre a personalidade do prof. Clovis de Oliveira, começa:

"Espirito voltado às coisas da cultura artistica na sua mais legitima expressão, volta sua atividade para vários outros ramos de atividade cultural.

Prova-o o último número da "RESENHA MUSICAL", revista editada sob sua direção e que, destinada a divulgar a vida da nossa arte, dos nossos artistas e de suas obras, estende-se pelas belas artes, compreendendo artes plásticas."

"O professor Clovis de Oliveira é o que se pode chamar um grande batalhador.

Apaixonado das coisas da arte e da cultura em geral, vota a sua vida quasi que exclusivamente a elas."

Falando sobre "RESENHA MUSICAL":

"Voltando ao ultimo número da "RESENHA MUSICAL" não podemos deixar de consignar aqui o nosso entusiasmo pelo que êle representa como publicação técnica e especializada; os que conhecem os precalços que assoberbam a vida das revistas entre nós, podem avaliar o que representa êsse esfôrço.

Em formato discreto, como convém à sua natureza, insere variada e preciosa colaboração. Não podemos deixar de destacar a conferência do notavel pianista brasileiro Alonso Anibal da Fonseca, sôbre "As Baladas" de Chopin, cuja primeira parte é publicada nesse número ultimo.

Não sabemos de quem possa no Brasil falar com mais autoridade sôbre o gênio polonês que êsse eminente artista patricio que tem coberto de glórias o nome do Brasil no estrangeiro como um dos mais finos e profundos "virtuoses" do piano.

Sua conferência é simplesmente magnifica e a RESENHA MUSICAL teve uma idéa feliz publicando-a.

Conta, tambem, êsse número com vários artigos: "Um quarteto de Radamés Gnatali", do prof. Luiz Heitor Corrêa de Azevedo; Os bons discos de Chopin, de Pièrre Winandy e Subsidios historicos com o titulo de "Removendo o pé do tempo..", de autoria do prof. Clovis de Oliveira e que é, tambem, valiosa contribuição erudita."

Reedição do 2.º Suplemento

de

Resenha Musical

1.º ESTUDO BRASILEIRO — A. PEREIRA

Dado o grande sucésso alcançado pelo II Suplemento Musical, publicado com o último número, fômos forçados a uma **reedição** do mesmo, afim de satisfazer aos inúmeros pedidos que vimos recebendo, constantemente, dos nossos leitores e assinantes.

Registramos com satisfação este fáto incomum na imprensa do país (reedição de suplementos), o qual demonstra a grande aceitação que, cada vez mais, vem tendo RESENHA MUSICAL, cuja tiragem atualmente de 5.000 exemplares, se exgota facilmente, divulgando-se por todo o Brasil e estrangeiro.

Em outra pagina deste número, os leitores encontrarão um comentário do Suplemento que óra reeditamos, feito pelo nosso brilhante colaborador, sr. prof. J. C. Caldeira Filho.

* **ERRATA:** Pedimos aos prezados leitores o obsequio de corrigirem algumas falhas que não nos foi possivel evitar nesta reedição:

Na 4.ª colchêa do compasso II.º (mão direita), em vez de mi leia-se fá. A última seminima do mesmo compasso, em vez de ré leia-se sí (mão esquerda);

A 2.ª colchêa do compasso 14.º, em vez de mi, leia-se fá;

No compasso 35.º a última seminima da tercina em vez de lá, leia-se sol;

No compasso 37.º, idem;

No compasso 39.º, a seminima pontuada deve ser tocada com o fá e não com o mi;

No 54.º compasso, a 1.ª colchêa em vez de ré, leia-se mi.

RESENHA MUSICAL

MENSAL

Diretor: Prof. Clovis de Oliveira - Secretaria: Profra. Sra. Ondina F. B. de Oliveira

Redação: Rua Conselheiro Crispiniano, 79 — 8.º andar — Edificio Itaíba.
São Paulo

É a revista musical de maior circulação no paiz.
Fundada em Setembro de 1938 — Assinatura anual, 20$000.
Registrada de acôrdo com a Lei e no DIP.
Colaboração escolhida e solicitada — Suplemento Musical, especial.
Correspondentes em quasi todas as cidades do Brasil.
Colaboradores Nacionais e Estrangeiros.

Indicador Profissional

PROF. CLOVIS DE OLIVEIRA

—— Piano ——

R. Dona Eliza, 50 ——::—— Fone 5-5971

PROFRA. ONDINA F. BONORA OLIVEIRA

—— Piano ——

R. Dona Eliza, 50 ——::—— Fone 5-5971

PROF. SAMUEL ARCHANJO DOS SANTOS

—— Piano -- Harmonia -- Teoria ——

Al. Barão Piracicaba, 830 —— Fone 5-1434

Aos Leitores

——

RESENHA MUSICAL é a revista musical de maior divulgação no Brasil.

——

Uma assinatura anual de RESENHA MUSICAL custa apenas 20$000.

Numero avulso: 3$000

Suplemento avulso: 3$000

——

RESENHA MUSICAL não publicará notícias de concertos, audições ou de de festivais artísticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado, dirigido dirétamente à Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

——

RESENHA MUSICAL não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas cronicas assinadas.

——

Reproduzir artigos, fotografias e gravuras especiais ou originais de RESENHA MUSICAL, É EXPRESSAMENTE PROIBIDO.

——

RESENHA MUSICAL não mais será enviada ás pessôas que não tomaram sua assinatura.

Colaboração escolhida e solicitada. RESENHA MUSICAL não devolve originais.

——

RESENHA MUSICAL não fornecerá gratuitamente aos assinantes, numeros atrazados, extraviados ou anteriores á data da assinatura.

P e r m u t a

Desejamos estabelecer permuta com as revistas similares.
Ni deziras starigi intershanghon kun similaj revuoj.
Deseamos estabelecer el cambio con las revistas similares.
Desideriamo scambiare la nostra rivista con le sue congeneri.
Nons désirons établir l'égange avec les revues similaires.
We wish to establish exchange with similar reviews,
Wir wuenschen den Austausch mit ashnlichen.
Berufszeitschriften eizurichter